



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO  
E INTERNACIONALIZAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA

**PAULA CRISTINA AQUINO**

**PEDAGOGIA CEMITERIAL: propostas de projetos pedagógicos interdisciplinares em  
espaços cemiteriais para o ensino da História, Matemática e Arte**

IMPERATRIZ  
2025

**PAULA CRISTINA AQUINO**

**PEDAGOGIA CEMITERIAL: propostas de projetos pedagógicos interdisciplinares em espaços cemiteriais para o ensino da História, Matemática e Arte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para qualificação.

Área de concentração: Pluriculturalidade, interculturalidade e práticas educativas interdisciplinares

Orientador(a): Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro.

IMPERATRIZ  
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Aquino, Paula Cristina.

PEDAGOGIA CEMITERIAL : propostas de projetos pedagógicos interdisciplinares em espaços cemiteriais para o ensino da História, Matemática e Arte / Paula Cristina Aquino. - 2026.

103 f.

Orientador(a): Dimas dos Reis Ribeiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas - Ppgepe/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2026.

1. Espaço Cemiterial. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Projetos Pedagógicos Interdisciplinares. I. dos Reis Ribeiro, Dimas. II. Título.

**PAULA CRISTINA AQUINO**

**PEDAGOGIA DA CEMITERIAL:** propostas de projetos pedagógicos interdisciplinares em espaços cemiteriais para o ensino da História, Matemática e Arte.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para qualificação.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

**TITULARES**

---

**Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro** (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA).  
Doutor em Serviço Social.

---

**Profa. Dra. Marcelina das Graças de Almeida** (Examinadora Externa-Titular)  
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).  
Doutora em História

---

**Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparoli** (Examinador Interno – Titular)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
Doutor em Ensino de Língua e Literatura.

**SUPLENTE**

---

**Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi** (Examinador Externo – Suplente)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
Doutor em História

---

**Profa. Dra. Betânia de Oliveira Barros** (Examinadora Interna – Suplente)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA).  
Doutora em Educação.

A meu pai, o argentino, e a todos imigrantes que ajudaram a edificar essa cidade com muita coragem, batalha e suor.

## AGRADECIMENTOS

Preciso começar esse texto com um verso do célebre poema de Fernando Pessoa, "tudo vale a pena, quando a alma não é pequena", pois toda a coragem e direcionamento para viver as experiências e/ou desafios enfrentados ao longo da vida devemos àqueles que de alguma forma forjaram na gente o desejo de buscar cada sonho e cada conquista. De acordo com esse poeta, a vida apenas terá sentido se tivermos uma alma grande e generosa para aproveitar e enfrentar a vida, além disso, um espírito nobre para reconhecer o que cada um contribuiu para traçarmos nossa caminhada, mesmo que seja no mar mais agitado que possamos nos lançar.

Sempre fui muito grata por tudo que me rodeia, tendo costume de observar e apreciar as coisas e pessoas que foram colocadas em meu caminho, sempre reconhecendo a grandeza do universo e conectada com a força de quem o criou. Agradeço infinitamente ao transcendental que por meio de coisas simples como os raios de sol me dá força e saúde para continuar buscando os meus sonhos diariamente.

À minha família, sobretudo minha mãe, *in memoriam*, que sempre acreditou que a educação transformava realidades e ao meu pai que me disciplinou e mostrou que quando se quer e se faz as coisas com honestidade e respeito, alcançamos nossos objetivos. Sou muito grata pelo amor, carinho, zelo e respeito que eles sempre tiveram pelas minhas escolhas. Ao meu único irmão, que apesar de pouco contato com a correria do dia a dia, sempre comemorou minhas conquistas e minha caminhada na árdua estrada da educação, demonstrando sempre felicidade e orgulho de mim.

Ao meu esposo, a todos os copos de água e café que preparou pra mim, as idas e vindas para o seletivo desse mestrado e a comemoração a cada etapa conseguida, pela paciência infinita em reconhecer minha necessidade de dedicação e silêncio para produzir as demandas desse mestrado, bem como meus filhos, André e Alexandre, que sempre se mostraram admiradores da mãe que tem, pela batalha de trabalhar em várias instituições de ensino e ainda assim, lançar-se como estudante, vendo-se novamente em uma carteira de uma instituição superior de ensino, mostrando-se inspirados por mim nessa jornada que é a vida acadêmica.

Sem esquecer do meu amigo de longa data, colega de trabalho em algumas instituições, que sempre me pressionou e cobrou de mim um mestrado, por toda persistência e sempre acreditando que eu seria capaz tranquilamente dessa demanda, Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparoli, gratidão eterna pelas broncas e cobranças. Estendo minha gratidão a cada professor que adentrou a sala de aula desse mestrado para nos engrandecer como profissionais. Ao meu

orientador Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, por ter acreditado no meu potencial desde o início desse processo e a todos os envolvidos ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão.

Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas (Assis,1994, p. 11).

## RESUMO

AQUINO, Paula Cristina. *Pedagogia Cemiterial: propostas de projetos pedagógicos interdisciplinares em espaços cemiteriais para o ensino da História, Matemática e Arte.*

**Linha de pesquisa:** Pluriculturalidade, interculturalidade e práticas educativas interdisciplinares

Esta dissertação, investiga o potencial pedagógico do espaço cemiterial como ambiente de ensino-aprendizagem não formal. O problema central reside na fragmentação do conhecimento escolar e na dificuldade de contextualizar conteúdos curriculares em espaços que transcendem a sala de aula convencional, o que compromete a implementação de práticas interdisciplinares capazes de articular diferentes áreas do saber em torno de um objeto de estudo. O objetivo geral é analisar como a exploração do patrimônio cemiterial, enquanto espaço de educação não formal, pode viabilizar a prática da interdisciplinaridade, proporcionando aos estudantes a construção de saberes significativos que articulem diferentes áreas do conhecimento e transcendam a rigidez técnica tradicional. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, ancorada nos pressupostos da História das Mentalidades e do Imaginário Coletivo, buscando compreender as transformações sociais e culturais refletidas na arte e na arquitetura tumular. No que tange à produção de dados, o estudo debruça-se sobre fontes secundárias para delinear a dinâmica dos cemitérios e sua relevância como "museus a céu aberto". Como resultado, a pesquisa propõe diretrizes para a elaboração de projetos pedagógicos interdisciplinares viáveis, integrando componentes curriculares de Matemática (geometria, estatística e etnomatemática), Arte (simbolismo e estética) e História (biografias, memória local e onomástica). Conclui-se que o cemitério, enquanto espaço educativo, favorece a alfabetização científica e cultural, promovendo uma prática docente dialógica e a valorização do patrimônio material e imaterial.

**Palavras-chave:** espaço cemiterial; ensino-aprendizagem; projetos pedagógicos interdisciplinares.

## ABSTRACT

AQUINO, Paula Cristina. Cemetery Pedagogy: proposals for interdisciplinary pedagogical projects in cemetery spaces for teaching history, mathematics and art.

Research line: Pluriculturalidad, interculturalidad and interdisciplinary educational practices

This dissertation investigates the pedagogical potential of cemetery spaces as environments for non-formal teaching and learning. The central problem lies in the fragmentation of school knowledge and the difficulty of contextualizing curricular content in spaces that transcend the conventional classroom, which compromises the implementation of interdisciplinary practices capable of articulating different areas of knowledge around a study object. The general objective is to analyze how the exploration of cemetery heritage, as a space for non-formal education, can enable the practice of interdisciplinarity, providing students with the construction of meaningful knowledge that articulates different areas of knowledge and transcends traditional technical rigidity. The methodology adopts a qualitative approach, of a bibliographic nature, anchored in the assumptions of the History of Mentalities and the Collective Imaginary, seeking to understand the social and cultural transformations reflected in funerary art and architecture. Regarding data production, the study focuses on secondary sources to delineate the dynamics of cemeteries and their relevance as "open-air museums". As a result, the research proposes guidelines for the development of viable interdisciplinary pedagogical projects, integrating curricular components of Mathematics (geometry, statistics, and ethnomathematics), Art (symbolism and aesthetics), and History (biographies, local memory, and onomastics). It concludes that the cemetery, as an educational space, fosters scientific and cultural literacy, promoting a dialogical teaching practice and the appreciation of tangible and intangible heritage.

Keywords: cemetery space; teaching-learning; interdisciplinary pedagogical projects.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fachada da loja Romy Placas Imperatriz-MA .....	12
Figura 2 – Interior da loja Romy Placas e seu proprietário. ....	13
Figura 3 – Placa de túmulo no interior da loja Romy Placas.....	14
Figura 4 – Placas de túmulo e fotos no interior da loja Romy Placas.....	15
Figura 5 – Mapeando a jornada da pesquisa: da literatura à análise. ....	21
Figura 6 – Fachada do Cemitério de Recoleta – Buenos Aires – Argentina. ....	32
Figura 7 – Túmulo do escritor Georges Rodenbach.....	33
Figura 8 – Sarau tour no cemitério da consolação: arte, História e poesia.....	35
Figura 9 – Imagem da fachada do cemitério São João Batista em Imperatriz-MA. ....	36
Figura 10 – Vantagens do ambiente escolar não formal.....	38
Figura 11 – Diagrama do Método Decroly.....	43
Figura 12 – Processo de desenvolvimento de projetos.....	44
Figura 13 – Cemitério particular em São Paulo.....	52
Figura 14 – Imagem aérea do cemitério do Bonfim – Belo Horizonte – MG.....	53
Figura 15 – Planta do cemitério da saudade em Campinas – SP.....	54
Figura 16 – Padronização estética de cemitério em Campo Grande - MS.....	54
Figura 17 – Formas geométricas encontradas nas lápides dos cemitérios.....	55
Figura 18 – Reforma de túmulos em Votorantim - SP.....	57
Figura 19 – Formas e medidas de jazigos - cemitério jardim da paz – Florianópolis – SC. ....	58
Figura 20 – Espaço entre túmulos no cemitério São João Batista, Imperatriz-MA.....	60
Figura 21 – Túmulo na entrada do cemitério São João Batista, Imperatriz-MA.....	60
Figura 22 – Placa de túmulo do início do século xx. ....	63
Figura 23 – Placas de túmulos com nomes comuns do início do século xx.....	64
Figura 24 – Placas de túmulos com nomes comuns do início do século xx.....	65
Figura 25 – Túmulo em mármore com cruz em granito negro. ....	66
Figura 26 – Sepultura simples identificada por pedra e flores brancas de plástico. ....	67
Figura 27 – Avenida no centro de imperatriz, ma, em homenagem a Coriolano Milhomem. ....	68
Figura 28 – Lápide de famílias tradicionais inumados no cemitério são João Batista em Imperatriz-MA.....	69
Figura 29 – Praça da meteorologia - marco zero de Imperatriz-MA. ....	70
Figura 30 – Estádio Frei Epifânio D’Abadia. ....	71
Figura 31 – Sepultura com cruz de pedra e a face de Jesus Cristo. ....	74
Figura 32 – Simbologia maçônica no cemitério dos prazeres (Lisboa, Portugal).....	75
Figura 33 – Túmulo judeu com estrela de Davi em cemitério do Rio de Janeiro.....	76
Figura 34 – Lápide com imagem de portões abertos.....	77
Figura 35 – Lápide com a imagem de uma rosa quebrada em túmulo de mármore no cemitério Mount Olivet – Canadá.....	78
Figura 36 – Lápide com imagem de um livro aberto em granito.....	79

Figura 37 – Túmulo com imagem de caveira com asas. ....	79
Figura 38 – Escultura tumular de uma árvore cortada. ....	80
Figura 39 – Ampulheta com asas. ....	80
Figura 40 – Lápide com a imagem de um aperto de mãos ....	81
Figura 41 – Lápide com imagem de um feixe de trigo.....	81
Figura 42 – Escultura de uma pomba em um mausoléu.....	82
Figura 43 – Escultura de mármore de um carneiro.....	82
Figura 44 – Túmulo com esculturas de tochas invertidas.....	83
Figura 45 – Oferenda com velas de diversas cores.....	84

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Explorando temáticas no componente curricular História no ambiente cemiterial. .....	25
quadro 2 – Explorando temáticas no componente curricular Matemática no ambiente cemiterial. ....	25
quadro 3 – Explorando temáticas no componente curricular Arte no ambiente cemiterial. ....	26
quadro 4 – Descrição do projeto.....	90

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CONPRES	Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo
COVID	Coronavírus Disease
MA	Maranhão
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
INTERPOL	Organização Intergovernamental Policial
MEC	Ministério da Educação
PPGEPE	Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas
SP	São Paulo
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMASUL	Universidade Estadual do Maranhão do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: VAMOS À VIDA QUE A MORTE É CERTA, EMBORA EM DATA INCERTA.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Quando foi me “apresentado” os mortos.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Delimitação do Problema de Pesquisa .....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Procedimentos teórico-metodológicos.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3.1 Quanto a abordagem .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3.2 Quanto ao método.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3.3 Quanto ao instrumento de coleta de dados.....</b>	<b>24</b>
<b>1.3.4 Quanta a forma de análise .....</b>	<b>27</b>
<b>2 DO CHÃO DO CEMITÉRIO PARA O CHÃO DA SALA DE AULA .....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 O cemitério: um olhar historiográfico .....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 O ambiente escolar não formal.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 A multiplicidade de elementos existentes no espaço cemiterial para a elaboração de projetos interdisciplinares pedagógicos .....</b>	<b>40</b>
<b>3 ONDE OS VIVOS APRENDEM COM OS MORTOS: o cemitério como espaço epistemológico de ensino-aprendizagem.....</b>	<b>47</b>
<b>3.1 O Cemitério como Laboratório de Matemática.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2 O Cemitério como Testemunha da História.....</b>	<b>62</b>
<b>4 PRODUTO DA PESQUISA .....</b>	<b>89</b>
<b>4.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>89</b>
<b>4.2 RELATÓRIO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR: Matemática e Arte.....</b>	<b>91</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>

## **1 INTRODUÇÃO: VAMOS À VIDA QUE A MORTE É CERTA, EMBORA EM DATA INCERTA**

Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz[...] (Gonzaguinha,1982).

O fragmento da música do compositor brasileiro Gonzaguinha <sup>1</sup>que por meio de palavras simples fala com maestria o que é a vida e como deve ser vivida, anuncia uma escrita que buscará discutir os mortos, mas sobretudo a dádiva de estar viva, pois acredito que antes de falarmos do morrer devemos falar do viver como um pensamento Epicurista<sup>2</sup> que nos é ensinado, que não devemos temer a morte, porque ela nada significa para nós. Um dia todos nós chegaremos ao fim de nossas vidas e, por crer que nossa passagem aqui é breve, precisamos aproveitar o melhor do que nos é proporcionado.

A visualização desse tema, considerado por muitos necessário, porém de alguma forma, exótico e incomum remonta minha história como filha de um estrangeiro que em busca de oportunidades que, no seu país não oferecia, veio muito jovem da Argentina para o Brasil, passando por São Paulo - SP, posteriormente pelo norte do país até chegar na cidade em que eu nasci, Imperatriz, MA, pois segundo suas palavras, encantou-se pelo rio Tocantins e nunca mais voltara para sua terra, passando 33 anos sem dar notícias ao seu pai, sendo encontrado pela Interpol no centro da, ainda pequena e pacata cidade com poucos habitantes. Destaco aqui, meu pai, porque foi ele que me “apresentou” aos mortos. Eletricista de profissão e inventor nas horas vagas, sempre criou máquinas para executar diversos serviços.

Sendo sempre muito observador, um certo dia, quando ele estava em um posto de gasolina, viu um carro passar por cima de uma chapa de alumínio e deixar algumas marcas nítidas do pneu no metal, a partir daí, teve uma grande ideia para sobreviver, dedicou-se a desenvolver prensas para fabricar placas de veículos e assim se tornar o primeiro fabricante de placas automotivas da nossa cidade. Mais tarde, desenvolveu outras técnicas para fabricar diversos tipos de placas, inclusive as de túmulo, estando na ativa até os dias de hoje no auge dos seus 80 anos.

---

<sup>1</sup> Luiz Gonzaga Júnior, mais conhecido como Gonzaguinha, nascido no Rio de Janeiro em 1945, foi um cantor e compositor brasileiro, vindo a falecer no ano de 1991.

<sup>2</sup> Desenvolvido pelo filósofo grego Epicuro, centra-se na busca pela felicidade através do prazer moderado e da ausência de dor, tanto física quanto mental. A felicidade como o objetivo máximo da vida humana.

Figura 1 – Fachada da loja Romy Placas Imperatriz-MA



Fonte: Autoria própria (2025).

Dessa forma, eu fui criada em uma pequena casa no centro, que também era a oficina do meu pai, o argentino, onde permanece até hoje há mais de 50 anos. Entre brinquedos e placas de túmulos fui vivendo, e ao crescer sempre me dediquei a escrita e leituras, ajudando mais tarde meu pai, que por ser estrangeiro, não dominava a língua portuguesa grafada muito bem, por isso, a correção dos textos das placas ficavam na minha responsabilidade, mesmo ainda sendo criança.

Figura 2 – Interior da loja Romy Placas e seu proprietário



Fonte: Autoria própria (2025)

### 1.1 Quando foi me “apresentado” os mortos

A única loja que confeccionava placa de túmulo na cidade e talvez na região era a do meu pai, elas ficavam encostadas na parede por toda parte. Ao me deparar com cada uma delas, seu texto e foto, sempre me perguntava: quem era aquela pessoa ou quem eram aquelas pessoas? O que faziam em vida? Em que colaboraram com a edificação da nossa cidade? Que legado deixaram? Elas normalmente tinham as mesmas frases, versículos bíblicos e no final sempre dizia que deixavam muitas saudades e tinham sido pais, maridos exemplares e amigos fiéis.

Muitas traziam desenhos como cruz, Bíblia, pomba branca, cachorro, coruja e anjos. O que significava aquilo?

Figura 3 – Placa de túmulo no interior da loja Romy Placas



Fonte: Autoria própria (2025)

Percebia também, que algumas eram bem simples em material frágil como o alumínio, outras eram suntuosas em pedra de mármore decoradas com figuras douradas, ou granito negro, passei a perceber que essa diferença também era presente na aparência dos clientes, daqueles que iam encomendá-las, pessoas simples encomendavam placas simples, pessoas abastadas buscavam placas suntuosas, revelando assim, uma divisão social até na hora da morte, tema que trabalhei na monografia da minha graduação, porém independente da condição financeira dos clientes, todos estavam ali para homenagear seus mortos, torná-los eternos por intermédio das mãos do meu pai.

Figura 4 – Placas de túmulo e fotos no interior da loja Romy Placas



Fonte: Autoria própria (2025)

Já na fase adulta, universitária, no ano de 2000, sempre fui filha da escola pública, estudava na UEMA (Universidade Estadual do Maranhão), hoje UEMASUL (Universidade Estadual do Sul do Maranhão), formei-me no Curso de História e tinha um compromisso nos finais de tarde no CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), atual IFMA (Instituto Federal do Maranhão), porém quando me encontrava adiantada no horário, parava para estudar no meio do caminho, e no meio do percurso tinha um Cemitério, por nome São João Batista, lugar considerado por mim na época, calmo, tranquilo, silencioso, limpo e no meu entender, aconchegante como a casinha do centro da cidade que eu vivia quando criança em meio as placas de túmulo e imagens de pessoas que se foram.

Um certo dia, lendo uma apostila para apresentar um trabalho mais tarde na universidade, de cima de um túmulo olhei primeiro para esquerda e vi sepulcro em granito negro e cruz de bronze, outros com diversas iconografias, flores naturais, com cerca de isolamento e placas suntuosas, depois olhei para direita e parecia outro cemitério, apenas sepulcros simples, muitos apenas com terra em cima, cercado de tijolos, cruz de madeira e coroa de plástico. Nesse momento pensei, a divisão social é tanto em vida como depois que morremos. No mesmo dia comecei a trabalhar na minha monografia de graduação com o tema VIDA E MORTE EM IMPERATRIZ: A sociedade de Imperatriz dividida na vida e na morte, que de maneira dedutiva trouxe desde os egípcios que diferenciavam os funerais do faraó de um simples servo.

Com isso, passei a ser frequentadora assídua de velórios no meu bairro e na minha cidade, acompanhando às vezes o enterro quando é um conhecido de muito tempo ou parente de amigos. Dessa forma, minha família, que não “gosta” de velórios, aproveita e sempre pede para eu ir em nome de todos, pois sabe que eu considero um programa interessante, porque passo a me perguntar novamente tudo aquilo que eu me questionava quando era criança e adolescente. O que essa pessoa, fez quando tinha vida? O que deixou para nós? Então, esse trabalho é de alguma forma uma continuidade do estudo feito na minha graduação. Apesar desse interesse e afinidade com o tema, até em 2020, eu ainda não conhecia a morte de perto, a dor e o luto, mas infelizmente essa experiência chegou para mim por ocasião do falecimento da minha mãe. Acompanhei todo o processo, pois em tempo de pandemia, meu pai idoso, não podia resolver muita coisa e meu único irmão, mais velho, que não encontrou forças para enfrentar a burocracia e os cuidados que demanda um enterro. Agora com minha mãe fazendo morada na sua segunda casa, passei ir mais ao cemitério, no caso, Bom Jesus, e sempre que vou exploro o espaço, tiro fotos, leio e corrijo placas, admiro os túmulos em sua arquitetura e símbolos, faço

contas para saber com quantos anos morreram aquelas pessoas que ali estão, acompanhei também a dinâmica do enterro dos acometidos pela covid 19 e estou sempre acompanhando a limpeza do espaço cemiterial pela prefeitura municipal, bem como a preservação do local que gera em mim admiração, porém muita inquietude e críticas.

## 1.2 Delimitação do Problema de Pesquisa

Minha aproximação com o objeto de estudo não é puramente teórica; ela se sustenta em uma trajetória que une a vivência prática, herdada do ofício paterno, ao rigor acadêmico. Essa dupla perspectiva permitiu observar, empiricamente, o fenômeno que **Ariès (2012)** descreve como o banimento da morte da esfera pública. “Na contemporaneidade, o luto deixa de ser um rito coletivo para ser interpretado como um sinal de fragilidade, tornando-se um tabu a ser evitado tanto nas instituições hospitalares quanto no convívio social.”. No ano de 2000, tornei-me professora de História e percebi que quando se abordava sobre a morte em contextos históricos, gerava-se repulsa nos estudantes, sobretudo em conteúdos como a Peste Negra <sup>3</sup> ou a morte de milhões de soldados em guerra, judeus no Holocausto<sup>4</sup> ou a política higienista pelo mundo como a exemplo da Europa no século XVIII com o advento da Revolução Industrial e no Brasil, no século XIX, que segundo o governo republicano, promoveu a mudança dos cemitérios de perto das moradias para locais isolados, em virtude de questões de saúde.

Tais atitudes, por parte do corpo discente, tanto do ensino fundamental, como médio, era sempre de que não valia a pena trazer essa temática para a sala de aula, para um debate ou análise, pois havia sempre uma resistência de reconhecer a morte como natural, inerente a vida e intrínseca ao ser humano em suas diversas épocas. Da mesma forma, acontecia com os professores, pois quando me dispunha a conversar sobre usar o cemitério como um espaço não formal para práticas educativas e interdisciplinares, nunca era bem aceito, compreendido ou levado à sério, sempre tinha um comentário em tom de piada ou de estranheza. Vários profissionais foram procurados por mim. O professor de geografia para analisarmos a demografia da morte<sup>5</sup>, o de matemática para fazer levantamentos estatísticos da morte em nossa

---

<sup>3</sup>Também conhecida como Peste Bubônica, foi uma pandemia devastadora que atingiu a Europa entre 1347 e 1351, causada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida principalmente por pulgas de roedores matando cerca de 75 milhões de pessoas.

<sup>4</sup>Genocídio cometido pelos nazistas ao longo da Segunda Guerra Mundial e que vitimou aproximadamente seis milhões de pessoas entre judeus, ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová, deficientes físicos e mentais, opositores políticos.

<sup>5</sup> Tem como objetivo o estudo da dinâmica da morte.

cidade, de língua portuguesa e literatura para analisar as lápides e seus textos, de arte para reconhecer e identificar a arquitetura, as iconografias e poesias da morte. Tanta riqueza para ser explorada e estudada em um só espaço, lugar este, que se encontra em toda cidadela e com passagem livre de pessoas, um museu a céu aberto, um laboratório à disposição de todas as áreas do conhecimento, porém muitas vezes abandonado e desprezado, por causa de uma mistificação e um tabu criado e passado de geração em geração.

Diante disso, a dissertação partiu do seguinte problema de pesquisa: **Quais possibilidades de ensino podem ser exploradas por meio de projetos pedagógicos interdisciplinares que articulem diferentes áreas do conhecimento, como Matemática, História e Arte, utilizando o espaço cemiterial como um ambiente não formal de aprendizagem?**

Além do problema central que motivou esta investigação, desdobramos nossa análise em questões norteadoras que possibilitam um direcionamento mais claro e estruturado das reflexões propostas ao longo da dissertação:

- a) Que concepções e significados foram construídos historicamente em torno do cemitério, da morte e da educação, considerando suas implicações culturais, históricas e pedagógicas?
- b) De que forma o espaço cemiterial pode contribuir para o desenvolvimento de saberes em diferentes áreas do conhecimento, como Matemática, História e Arte, por meio de práticas pedagógicas realizadas em espaços não formais de aprendizagem?
- c) Como projetos pedagógicos interdisciplinares podem integrar o espaço cemiterial como recurso educativo, promovendo experiências significativas de ensino e aprendizagem em contextos não formais?

A partir desses questionamentos, delineamos o objetivo geral que orientou esta dissertação: **analisar o espaço cemiterial como um espaço não formal de aprendizagem para o desenvolvimento de práticas pedagógicas interdisciplinares, com foco na articulação de diferentes áreas do conhecimento, como Matemática, História e Artes.** Além deste, delimitamos três objetivos específicos, para melhor auxiliar na busca de respostas, são eles:

1. Refletir sobre a construção de significados em torno do cemitério, da morte e da educação, a partir de suas implicações culturais, históricas e pedagógicas para o desenvolvimento de práticas interdisciplinares.

2. Compreender como o espaço cemiterial pode contribuir para o desenvolvimento de saberes em diferentes áreas do conhecimento, como Matemática, História e Arte, a partir de práticas não formais de aprendizagem.
3. Analisar de maneira criteriosa, sistemática e abrangente as publicações já existentes (como artigos científicos, livros, teses e dissertações) sobre o tema com o objetivo de reunir, analisar e sintetizar o conhecimento já produzido a respeito do tema investigado, bem como as lacunas existentes;
4. Propor projetos pedagógicos interdisciplinares que integrem o espaço cemiterial como um espaço educativo, a partir de experiências significativas de ensino e aprendizagem em contextos não formais.

Como defende Paulo Freire (1996, p.50).

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das duas escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

A essa citação freiriana, estendo as experiências informais aos cemitérios. Nesse momento de maneira muito clara é percebido que a proposta dessa dissertação é de relevância social, pois fazendo do cemitério objeto de estudos, conseqüentemente esse espaço sempre será lembrado não só como um lugar que ninguém quer frequentar, seja por medo ou repulsa, mas como um espaço público que possa se passear com a família, fazer pequiniques, deleitar-se em leituras e relaxamento, ser admirado, respeitado e sobretudo servir de conhecimento aos estudantes do ensino fundamental e médio em diversas áreas. Para Sacristán (2013, p. 24) “a educação tem a capacidade de servir para o desenvolvimento do ser humano como indivíduo e cidadão, de sua mente, seu corpo e sensibilidade”. É necessário desconstruir a visão que a sociedade, quase em geral, tem dos cemitérios, de medo e desconforto, para um viés científico/pedagógico e investigar como o espaço cemiterial pode dialogar com os componentes curriculares do ensino regular:

Espera-se que o conhecimento histórico seja tratado como uma forma de pensar, entre várias; uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados, compor e decompor interpretações, em movimento contínuo ao longo do tempo e do espaço. (Brasil, 2017, p.401).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino deve ser pautado em promover a cidadania, trazendo inferências do passado, abordando o respeito pelas estruturas constituídas com o tempo, e pensando em como construir uma sociedade melhor para

si e para as próximas gerações. Com essa premissa, confesso que no início foi visualizado o espaço cemiterial para projeto pedagógico de maneira interdisciplinar de História e Matemática, sobretudo pós-Covid 19. A História levantaria o contexto geral em que se deu essa pandemia do século XXI comparada com outras já ocorridas ao longo da História humana e como se deu especificamente em nossa cidade. Nesse caso, o estudo seria feito por intermédio do método de pesquisa qualitativa<sup>6</sup>, e a Matemática com a estatística dos mortos e a nova dinâmica espacial do Cemitério Bom Jesus<sup>7</sup> pós pandemia, por meio do método de pesquisa quantitativa<sup>8</sup>, revelando assim, essa catástrofe demográfica pós Covid 19 e seus desdobramentos em relação ao aumento populacional do cemitério e a falta de projetos públicos para resolver esse problema de falta de infraestrutura, manejo incorreto e ineficiência na fiscalização desse espaço, porém na disciplina de Pesquisa I durante o mestrado, foi entendido que apesar de necessário e interessante esse estudo não tinha prática pedagógica que é o grande propósito do programa, pois o produto final era um denúncia de falta de espaço e falta de políticas para resolver o problema de manutenção dos cemitérios públicos encontrados com diversos problemas.

Nesse ínterim, foi surgindo um melhor entendimento dos caminhos que deveriam ser percorridos e uma necessidade da busca de uma melhor sustentação teórica para a realização desse estudo. Sempre atenta às falas dos professores que afirmavam que menos é mais, aos poucos foram sendo desenhadas as demandas teórico-metodológicas e ações importantes para o delineamento e construção desse trabalho para um viés de práticas pedagógicas.

### **1.3 Procedimentos teórico-metodológicos**

A metodologia do nosso trabalho foi desenvolvida em cinco etapas distintas e interconectadas. Em síntese, na primeira etapa, realizamos um levantamento do estado da arte, analisando 11 trabalhos encontrados na BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e no Portal CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o que nos permitiu compreender os estudos já realizados sobre o tema. Em seguida, adotamos uma abordagem qualitativa, conforme proposta por Chizzotti (2006,p.21.),”a pesquisa qualitativa, no campo das Ciências Humanas e Sociais, preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado trabalhando com o universo de significado, aspirações, crenças, valores e atitudes”, com isso, nos orientou para um olhar interpretativo e crítico. Na terceira etapa, definimos o método de pesquisa, combinando a pesquisa bibliográfica como base

---

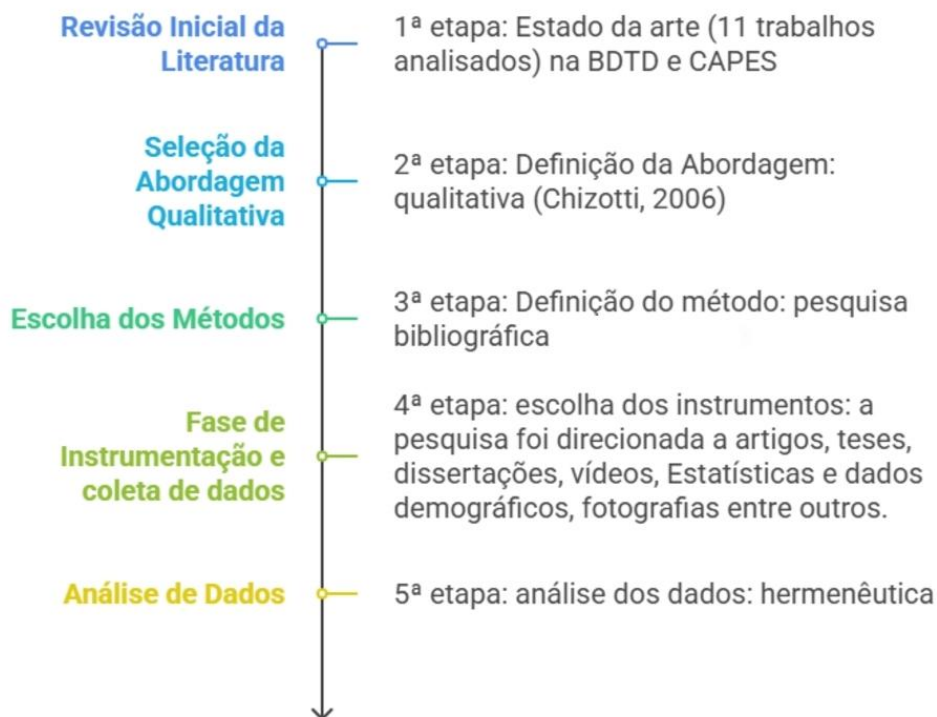
<sup>6</sup> Fornece uma compreensão de certas questões sociais, apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social e fenômenos complexos.

<sup>7</sup> Cemitério localizado no bairro de mesmo nome em Imperatriz-Ma, inaugurado em 2011 e o único com espaço para sepultamento.

<sup>8</sup> Enfatiza os indicadores numéricos e percentuais sobre determinado fenômeno pesquisado.

para a coleta e análise dos dados. Como instrumentos, direcionamos nossa investigação a uma diversidade de fontes, como artigos, teses, dissertações, vídeos, estatísticas demográficas, fotografias e outros materiais relevantes. Por fim, na quinta etapa, realizamos a análise dos dados por meio de uma abordagem hermenêutica, permitindo interpretar as informações de forma aprofundada e contextualizada com base nos outros autores, alinhando-as ao objetivo do estudo e atentando-se a novos vieses ou perspectiva.

Figura 5 – Mapeando a Jornada da Pesquisa: Da Literatura à Análise



**Fonte:** Produzido pela autora (2025).

Para produzir os textos do presente trabalho, fez-se mister iniciar por um levantamento das produções acadêmicas *Stricto Sensu*, dentro do período de 2019 a 2023, intervalo de tempo sugerido pelo professor da disciplina que nos acompanhou na produção desse estudo, na plataforma BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e CAPES para a realização do Estado da Arte, acessando a primeira plataforma mencionada, recorreu-se a princípio a palavra cemitério, com dezenas de artigos, em grande parte sobre questões geográficas e biológicas do solo, além do patrimônio e da História desse espaço em diversas cidades do Brasil, porém quando se acessa a palavra Cemitério na segunda plataforma citada, encontra-se 3 (três) dissertações, trazendo a interdisciplinaridade da Arquitetura e a História; a História e a Arte dentro de um espaço e de um tempo determinado.

Ao digitar na plataforma BTDT, mais intuitiva e objetiva, dentro do mesmo espaço de tempo, localizou-se 11 temas relevantes e pertinentes que contemplava a palavra cemitério, sobretudo quando se faz um maior recorte relacionando-o com a educação, projetos pedagógicos, pedagogia ou pesquisa científica, houve uma redução considerável no número de artigos, sendo encontrados temas voltados para História, Arte ou Literatura. Acerca da exploração do cemitério para o ensino e aprendizagem em ambientes não formais, verificou-se um número bem reduzido de trabalhos, no período estipulado, e em se tratando especificamente de projetos pedagógicos nesse ambiente, notou-se uma escassez nessa temática, nesse recorte de tempo e na plataforma da BTDT, tornando assim mais relevante esse trabalho.

Nesse processo, apontou-se o que se têm e o que falta ser abordados nos diversos temas possíveis que podem ser pesquisados para elaboração de projetos pedagógicos no espaço cemiterial, foi possível identificar as lacunas no conhecimento ou áreas que precisam de mais investigações podendo despertar novas linhas de pesquisas e contribuições futuras, além de possibilitar a comparação e avaliar a qualidade dessa proposta de trabalho e sua relevância.

Contudo, para o embasamento desse trabalho tivemos como referência teórica duas vertentes, uma pedagógica e outra relacionada aos estudos acerca dos cemitérios. A primeira estabeleceu-se um diálogo direto das obras “Os Projetos de Trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares”, HERNANDEZ (1994); Educação: projetos e valores do autor MACHADO (2000) e por fim, Pedagogia de Projetos: Contribuições para uma educação transformadora de MOURA (2010); a segunda foi elencado três obras, partiu-se da análise da obra do célebre historiador francês ARIÈS (2014) “O homem diante da morte” e o patriarca dos estudos dos Cemitérios no Brasil, VALADARES (1972), com o tema “Arte e Sociedade nos cemitérios do Brasil”, com dois densos volumes, bem como, BORGES (2017) tratando da “Arte Funerária no Brasil (1890-1930). As demais leituras, foram dissertações de mestrados, teses e artigos que abordam a morte em suas diversas dimensões: social, cultural, antropológica, econômica e artística e documentos normativos como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para termos como definição das aprendizagens essenciais que os estudantes devem desenvolver na Educação Básica, sendo todas as obras e cada linha lida importantes para a construção dos capítulos do presente trabalho.

### 1.3.1 Quanto a abordagem

A pesquisa científica tem uma abordagem qualitativa, para Chizzotti (2006, p. 221) “O termo qualitativo implica uma partilha densa como pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Dessa forma, buscamos descrever e interpretar fenômenos complexos a partir da perspectiva de contextos específicos, nesse caso, o cemitério em seu contexto social, cultural e histórico. Buscou-se a compreensão dos fenômenos estudados dentro da proposta. Em seguida, elencou-se esse espaço como importante e acessível para realização dos projetos pedagógicos multidisciplinares dentro de uma abordagem não formal, porém com compromisso, objetivo e planejamento para culminância dos projetos e produção do conhecimento.

### 1.3.2 Quanto ao método

Buscando proporcionar uma compreensão mais profunda do tema abordado, com a fundamentação necessária que se exige um trabalho científico para sustentar as argumentações apresentadas e oferecer uma análise crítica embasada em evidências, utilizou-se a pesquisa bibliográfica que se revela como um elemento indispensável na construção do conhecimento acadêmico e científico.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas.

Passos foram firmados para a realização dessa dissertação que se iniciou com a delimitação do tema que seria pesquisado; a seleção das obras/autores específicos que foram foco da pesquisa, classificando-os por categorias em diferentes tipos de fontes, como livros, artigos científicos, teses e dissertações, para obter uma visão do tema, bem como as lacunas deixadas por elas, áreas pouco exploradas ou questões não resolvidas, para assim realizar

leituras exploratórias e analíticas dos textos selecionados, identificando as principais contribuições de cada um para esse trabalho.

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 218):

O processo de delimitação do tema só é dado por concluído quando se faz a sua limitação geográfica e espacial, com vistas na realização da pesquisa. Muitas vezes as verbas disponíveis determinam uma limitação maior do que o desejado pelo pesquisador, mas, se se pretende um trabalho científico, é preferível o aprofundamento à extensão.

Como etapa para a construção do referencial teórico desse trabalho, bem como os resultados da pesquisa, criou-se resumos, fichamentos e infográficos dos principais pontos abordados nas fontes analisadas, pois esse método me ofereceu uma gama vasta de informações acumuladas, abrangendo fenômenos que seriam impossíveis de investigar diretamente devido a limitações de tempo, espaço e/ou recurso, pois foi possível me familiarizar com o tema, conceitos e ter de maneira muito clara o que estava buscando de maneira rápida e menos dispendiosa em comparação com métodos que exigem coleta de dados primários, até porque com a digitalização de muitos documentos, o acesso às fontes se tornou mais fácil e conveniente. Nesse caso, foi possível consultar materiais em diferentes momentos e contextos, permitindo análises mais profundas, bem como também descartar materiais que no momento não são proveitosos, guardando-os para uma ocasião futura, caso precisar.

### 1.3.3 Quanto ao instrumento de coleta de dados

Para a produção dos dados, utilizou-se a coleta de informações provenientes de materiais publicados em plataformas acadêmicas reconhecidas, tais como a Biblioteca e canais Digitais de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal de Periódicos da CAPES, Google Scholar e Scielo. A pesquisa foi direcionada a artigos, teses, dissertações e vídeo que abordam o tema em análise. Para cada unidade temática previamente delimitada, selecionamos um conjunto de textos considerados mais relevantes, buscando garantir profundidade e diversidade nas perspectivas abordadas.

A seleção foi realizada com base em critérios como: relevância para o problema levantado na pesquisa, credibilidade das fontes, clareza e objetividade acadêmica, alinhados com os objetivos do estudo. As palavras-chave utilizadas para a busca foram cuidadosamente

definidas, abrangendo os principais conceitos e expressões relacionadas ao tópico em análise, o que assegurou a qualidade da pesquisa e a inclusão de trabalhos significativos para pesquisadores com interesse em articular propostas que consideram pertinentes o ensino-aprendizagem em espaços não-formais, nesse caso, o cemitério.

Os materiais selecionados foram organizados em quadros, detalhando as seguintes informações: título, autor(es), ano de publicação, fonte ou base de dados e o tipo de trabalho, que incluem, dissertações, artigos, teses e vídeos.. Essa sistematização permitiu uma visão clara e objetiva do conteúdo analisado, além de facilitar a comparação e a integração dos dados na etapa de discussão.

Quadro 1 – Explorando temáticas no componente curricular História no ambiente cemiterial

<b>Autores</b>	<b>Título do trabalho / ano</b>	<b>Base de dados</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Francislane da Costa Rosendo.	<b>O DESIGN, O CEMITÉRIO E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:</b> um estudo para a construção de um caderno de atividades pedagógicas (2019).	CAPES	Dissertação
Mariana Antão de Carvalho Rosa.	<b>Cemitério São José:</b> História, memória e sensibilidades teresinenses. (2019)	BTDT	Dissertação
Viviane Comunale	<b>Patrimônio Funerário:</b> os cemitérios históricos do Vale do Paraíba (1820-1890). (2020)	BTDT	Dissertação

Quadro 2 – Explorando temáticas no componente curricular matemática no ambiente cemiterial

<b>Autores</b>	<b>Título do trabalho / ano</b>	<b>Base de dados</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Nenhuma entrada de índice de ilustrações foi encontrada.			
Cristiane Castro Pimentel.	<b>Etnomodelagem:</b> uma abordagem de conceitos geométricos no cemitério de Arraias - TO. (2019)	BTDT	Dissertação

Adriano Fonseca	Etnomatemática na escola : a questão do sujeito	BTDT	Tese
-----------------	---	------	------

Quadro 3 – Explorando temáticas no componente curricular Arte no ambiente cemiterial

<b>Autores</b>	<b>Título do trabalho / ano</b>	<b>Base de dados</b>	<b>Tipo de trabalho</b>
Bruno Vieira	<b>Design e patrimônio cemiterial:</b> tipografias e imagens nos cemitérios dos ingleses no Nordeste.(2023)	BTDT	Dissertação
Maria Elizia Borges	Arte funerária no Brasil (1890-1930). (2019)	Plataforma youtube: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KZjsBC2Rzn0">https://www.youtube.com/watch?v=KZjsBC2Rzn0</a>	Vídeo
Julyana Cabral Araújo; Julyana Cabral; Otávio Oliveira Silva; Flávio Luiz De Castro E Dimas Dos Reis Ribeiro.	Uma análise do espaço cemiterial à luz do conceito de memória coletiva em Maurice Halbwachs. (2021)	UFJF	Tese
Natan Barros De Oliveira Dimas Dos Reis Ribeiro Witembergue Gomes Zaparoli	Viva – a vida é uma festa: uma releitura como prática pedagógica para o professor de História em sala de aula.	Brazilian Journal of Development.	Artigo

Essa etapa foi fundamental para a construção da dissertação, pois nos permitiu a interpretação e extração de conclusões a partir dos dados coletados por meio dos materiais. Com essa base teórica, foi possível contextualizar a pesquisa, verificar se os resultados estão alinhados com teorias existentes, o problema e os objetivos da pesquisa, além de revelar tendências, lacunas e padrões que não foram percebidos inicialmente, contribuindo para uma compreensão mais profunda do tema proposto.

### 1.3.4 Quanta a forma de análise

Por ser uma metodologia de pesquisa que envolve a coleta e avaliação sistemática das bibliografias, no qual consiste em reunir, selecionar, analisar e sintetizar estudos e publicações sobre a pesquisa definida, com o objetivo de fazer um estudo crítico e abrangente da literatura existente para extrair informações relevantes, utilizamos a técnica análise de conteúdo. Entendemos ser uma forma assertiva, por ser empregada amplamente nas ciências sociais e em diversas áreas do conhecimento. Com ela, foi possível explorar dados históricos, sociais e culturais contidos em textos, relatórios, arquivos e outros tipos de documentos, no caso desse trabalho, livros, artigos e dissertações.

Para Bardin (2011, p. 15):

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' [...] extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas [...] é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência."

A realização da análise documental para esse trabalho perpassou por três etapas principais: pré-análise, organização do material e análise de dados. Na primeira etapa houve um pouco de desprendimento na quantidade de material a ser selecionado, pois há sempre o pensamento de que quanto mais material tiver, mais chance de avançar na pesquisa. Segundo Richardson et al. (1999), “a primeira etapa é a pré-análise, onde se realiza uma leitura flutuante do material, permitindo uma familiarização inicial com os documentos” (p.60). Nessa perspectiva, recorreu-se a materiais que contemplaram a graduação e que abordaram um tema similar com o mesmo eixo, o cemitério. Obras, textos, artigos e a própria monografia foram revisitados para novamente criar vínculos com contextos, termos e autores. Nessa ocasião, foi importante filtrar e inclusive descartar o que nesse momento é pertinente ou não, apesar de que muitas vezes temos a tendência em exagerar abordando mais informações do que se deveria, correndo o risco até mesmo de selecionar textos não coesos com a pesquisa desviando o foco do que dever ser realmente trabalhado.

Em seguida, fez-se mister a organização do material. Essa etapa foi crucial, pois a origem e a credibilidade dos textos devem e foram investigadas. De acordo com Gil (2008, p. 8), “neste sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade”. A autenticidade assegura que materiais utilizados na pesquisa são genuínos e

não foram alterados ou falsificados. Teve-se essa preocupação e dedicação para atestar a legitimidade dos textos, pois julga-se essencial essa prática para a credibilidade dos resultados e conclusões dessa pesquisa. Por sua vez, a veracidade dos textos, que pode ser atestada pela consulta do ano da publicação, o autor devidamente identificado e em caso de consultas online, buscou-se sites oficiais, processo considerado de grande relevância. Essas etapas foram fundamentais para garantir que a pesquisa bibliográfica fosse realizada de forma organizada e sistemática, permitindo que fosse construída uma base sólida, bem como, trazendo novas ideias e conceitos que não foram previamente considerados, enriquecendo e oferecendo insights interessantes contribuindo para um entendimento mais abrangente dos conteúdos analisados.

A cerca da estrutura da Dissertação, o primeiro bloco compreende a **Introdução**, Capítulo 1, e a fundamentação teórica do Capítulo 2. Inicialmente, estabelece-se o percurso investigativo através de um rigoroso aparato metodológico que define as balizas científicas do estudo. Em seguida, a discussão evolui para a transposição do espaço cemiterial ao contexto escolar, analisando-o como um ambiente de educação não formal. A ênfase recai na interdisciplinaridade, em que o cemitério é compreendido como um repositório de elementos multiformes capazes de sustentar projetos pedagógicos integrados que superam as barreiras curriculares tradicionais.

A dimensão aplicada da pesquisa concentra-se no Capítulo 3, onde o cemitério é teorizado como um espaço epistemológico de ensino-aprendizagem. Nesta etapa, a investigação demonstra a viabilidade prática da interdisciplinaridade, convertendo o espaço mortuário em um laboratório vivo. A análise articula a Matemática aplicada e o testemunho histórico, explorando como a materialidade dos túmulos e a memória social ali preservada servem de suporte para a construção de conceitos científicos e históricos de forma integrada.

O encerramento do trabalho ocorre no Capítulo 4, que detalha o Produto da Pesquisa, consolidando a proposta em Projetos Interdisciplinares entre Matemática e Arte; Arte e História e Matemática e História. Este capítulo materializa a fusão entre a estética artística e o rigor lógico-matemático; a estatística que aponta a dinâmica da morte em determinados acontecimentos históricos como a pandemia da covid-19 e as iconografias que homenageia e perpetua memórias. Por fim, as Considerações Finais e as Referências sintetizam as contribuições acadêmicas do estudo, reafirmando o potencial do cemitério como uma ferramenta pedagógica potente e inovadora para o desenvolvimento de competências múltiplas.

Ao integrar Matemática, História e Arte, o 'chão do cemitério' revela-se como um território propício para o diálogo entre diferentes campos do saber, onde a análise de uma

pandemia histórica ou a apreciação de uma estética tumular não são fatos isolados, mas partes de um conjunto de conhecimentos que auxiliam no desenvolvimento de competências críticas e humanas. É a partir dessa articulação teórica que se fundamenta a viabilidade da pesquisa aplicada apresentada no capítulo seguinte.

## 2 DO CHÃO DO CEMITÉRIO PARA O CHÃO DA SALA DE AULA

A mais triste das vidas e a mais triste das mortes são a vida e a morte do homem que não tem coragem de morrer pelo bem, quando por ele não possa viver.

(Barbosa,2014).

Este capítulo apresenta uma reflexão teórica sobre o potencial educativo dos cemitérios, propondo uma aproximação entre o espaço cemiterial e as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Partindo da perspectiva de que o cemitério, além de ser um espaço de memória e reverência, carrega uma rica carga histórica, cultural, simbólica e interdisciplinar, busca-se compreender como esse ambiente pode ser ressignificado em contextos educacionais, com base em abordagens historiográficas e pedagógicas. O capítulo analisa como os cemitérios podem ser utilizados como espaços não formais, proporcionando experiências de ensino que ultrapassam os limites físicos das salas de aula e estimulam a construção de saberes interdisciplinares, críticos e significativos para os estudantes.

O capítulo está subdividido em três seções. Na primeira, intitulada “O cemitério: um olhar historiográfico”, é realizado um panorama histórico que contextualiza a evolução dos cemitérios, destacando suas funções sociais ao longo do tempo e do mundo. Na segunda seção, “O cemitério com espaço não formal”, enquanto comparação ao ensino formal, discute-se como o espaço cemiterial pode ser explorado como um campo de aprendizado, contribuindo para o desenvolvimento de projetos educacionais que valorizam práticas de pesquisa e observação *in loco*. Por fim, na terceira seção, “A multiplicidade de elementos existentes no espaço cemiterial para a elaboração de projetos interdisciplinares pedagógicos”, são apresentados exemplos de conteúdos e temas pedagógicos que podem ser trabalhados a partir desse espaço, incluindo História, Artes, Ciências, Matemática, Geografia, Ética e Cidadania, evidenciando o potencial interdisciplinar e formativo que o cemitério oferece quando utilizado como recurso educativo.

## 2.1 O cemitério: um olhar historiográfico

A palavra cemitério tem uma origem interessante e antiga, proveniente do latim *cemiterium*, que significa “dormitório” ou “lugar de descanso”. Em Ariès, a denominação desse espaço, “era como a igreja, o centro da vida social” (Ariès, 2014, p. 83). Este termo foi adotado pelos primeiros cristãos para designar os locais onde os mortos eram sepultados, refletindo a crença na ressurreição e no descanso eterno, porém ao longo da História, transformaram de simples locais de sepultamento para espaços de memória e reflexão, onde familiares e amigos podem prestar homenagens aos entes queridos que partiram.

O espaço cemiterial é o guardião da memória das cidades e revelador de dados que inferem diretamente na dinâmica das sociedades mais remotas até a contemporaneidade, podendo assim, dialogar com os componentes curriculares do ensino educacional regular em suas diversas dimensões do conhecimento como: o social, o político, o histórico, o geográfico, o filosófico, o matemático, o artístico e o iconográfico, pois devemos entender, que explorar os cemitérios é conservar testemunhas da edificação de uma cidade, fazendo sobretudo desse espaço público, um lugar rico em memória e colaborador com o processo de conscientização da finitude da vida, da infinitude da memória, além da preservação dos nossos mortos, bem como, da cultura da morte nas cidades e sua evolução. Mais do que simples locais de sepultamento, os cemitérios tradicionais ou horizontais desempenham um papel significativo na cultura e na História das cidades. “Ao longo do tempo, os cemitérios tiveram seus espaços ocupados por casas construídas por cima dos carneiros, umas habitadas por padres, outras alugadas a laicos” (ARIÈS, 2014, p. 85). A relação dos vivos com os mortos é mediada por ritos e símbolos que evoluem, refletindo transformações culturais e sociais.

Eles são frutos de uma nova concepção sobre a morte desenvolvida entre fins do século XVIII e a segunda metade do século XIX. Pode-se dizer que até meados do século XIX, vivos e mortos, conviviam de forma harmônica, confraternizando-se nos mesmos espaços, pois era costume que as pessoas fossem enterradas no interior ou ao redor das igrejas e até nas propriedades das famílias, porém mudanças nas concepções de morte e políticas de higienização, sobretudo com a chegada da República no Brasil, provocaram a “expulsão dos mortos” para os cemitérios extramuros. Essa nova visão sobre a morte se espalhará por todo o Ocidente, período marcado por epidemias devastadoras.

Na contemporaneidade, essa trajetória de visibilidade e monumentalização cedeu lugar a uma tendência de assepsia e funcionalidade. Com o adensamento das metrópoles no século XX e as novas preocupações ambientais do século XXI, o modelo de cemitério-parque e as necrópoles verticais passaram a dominar a paisagem fúnebre, visando minimizar o impacto psicológico e sanitário da morte. O olhar historiográfico atual identifica, portanto, um movimento que partiu da integração sacra, passou pela ostentação burguesa oitocentista e culminou na "morte interdita" da modernidade, onde o cemitério é gerido como um equipamento público otimizado, enquanto a memória migra cada vez mais para suportes digitais e práticas de sustentabilidade ambiental.

Em muitas cidades, como Buenos Aires e Paris, cemitérios como o da Recoleta e o Père-Lachaise são museus a céu aberto, atraindo visitantes interessados na arte tumular e nas histórias das personalidades ali sepultadas. O Cemitério da Recoleta, localizado no bairro de mesmo nome, é um dos cemitérios mais famosos do mundo. Inaugurado em 1822, ele é conhecido por sua arquitetura impressionante e por ser o local de descanso de muitas figuras importantes da história argentina, incluindo Eva Perón<sup>9</sup>, seus mausoléus de mármore, esculturas detalhadas e uma variedade de estilos arquitetônicos, desde o neoclássico até o *art nouveau*<sup>10</sup>. Além de ser um ponto turístico popular, ou seja, aberto a todo tipo de público com pouca restrição de horário e de maneira gratuita, o Cemitério da Recoleta também oferece um espaço de reflexão e tranquilidade em meio à agitação da cidade.

---

<sup>9</sup> Eva Duarte Perón, nasceu em 7 de maio de 1919, em Los Toldos e faleceu em Buenos Aires no dia 26 de julho de 1952. Foi uma atriz, primeira-dama e líder política argentina.

<sup>10</sup> Movimento artístico e cultural que surgiu no final do séc. XIX, caracterizada por linhas sinuosas e inspiradas na natureza em busca de uma renovação artística, com influência em diversas áreas como a arquitetura.

Figura 6 – Fachada do Cemitério de Recoleta – Buenos Aires – Argentina.



**Fonte:** Anderson Kaiser, 2016. Disponível em: [eufui.blog.br](http://eufui.blog.br)

Na França, podemos citar o Cemitério do Père-Lachaise, localizado no 20º arrondissement de Paris, é o maior cemitério da cidade e está entre os mais famosos do mundo. Inaugurado em 1804, ele é conhecido por ser o local de descanso de muitas figuras ilustres, como Oscar Wilde,<sup>11</sup> Jim Morrison<sup>12</sup>, Edith Piaf<sup>13</sup>, Frédéric Chopin<sup>14</sup> e Allan Kardec<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> Oscar Wilde foi um escritor irlandês do século XIX. Ele escreveu peças de teatro, contos e o romance “O retrato de Dorian Gray”, uma de suas obras mais conhecidas.

<sup>12</sup> Nascido nos EUA e falecido em Paris aos 27 anos. Foi um cantor, compositor e poeta americano que foi o carismático vocalista do grupo de rock psicodélico da Califórnia The Doors.

<sup>13</sup> Foi uma consagrada cantora, compositora e atriz francesa.

<sup>14</sup> Foi um pianista polonês radicado na França e compositor para piano da era romântica. É amplamente conhecido como um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da História

<sup>15</sup> Foi um educador, autor e tradutor francês. Notabilizou-se como o codificador do espiritismo.

Figura 7 – Túmulo do escritor Georges Rodenbach.



**Fonte:** Arquivo Tendência do imaginário,2020. Disponível em: [www.tendimag.com](http://www.tendimag.com)

Em uma visita aos túmulos nesse cemitério, é possível se deparar com o do poeta e novelista belga de língua francesa, advogado e jornalista, residindo os últimos dez anos da sua vida em Paris, Georges Rodenbach, (1855-1898), que trabalhou como correspondente do *Journal de Bruxelles*. Dessa forma, entende-se que esse espaço é um museu a céu aberto, com túmulos e mausoléus que variam do neoclássico ao *art déco*.<sup>16</sup> Além de ser um ponto turístico popular, o Père-Lachaise também oferece um espaço de tranquilidade e reflexão em meio ao caos de Paris, além dos museus franceses. Segundo o site [www.cemiteriomoradapaz.com](http://www.cemiteriomoradapaz.com), esse cemitério é um dos lugares mais visitados do mundo.

No Brasil, por sua vez, segundo o site oficial da prefeitura de São Paulo, o Cemitério da Consolação é a mais antiga necrópole em funcionamento do Estado homônimo. É uma das principais referências do país na área da arte tumular. Em 2017, foi tombado pela Resolução nº 08 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP), cuja proteção recai sobre: o traçado das alamedas; quadras e ruas dos três cemitérios; a capela; o pórtico de entrada; o ossário e a atual administração, de

---

<sup>16</sup> Movimento artístico e de design que surgiu na França nos anos 1920. Este estilo se caracterizou por simbolizar o luxo da elite da época.

autoria de Ramos de Azevedo(1851-1928)<sup>17</sup>, além das inúmeras esculturas, de grande valor artístico. A resolução é acompanhada de uma lista de bens tombados e de um mapa com sua localização dentro do cemitério.

Nesse espaço cemiterial, abriga-se um grande número de sepulturas de figuras conhecidas, além de personalidades da História paulistana, como Tarsila do Amaral<sup>18</sup>, Mário de Andrade<sup>19</sup>, Monteiro Lobato<sup>20</sup>, Ramos de Azevedo<sup>21</sup>, Marquesa de Santos<sup>22</sup>, Líbero Badaró<sup>23</sup> e o monumental mausoléu da Família Matarazzo<sup>24</sup>, considerado o maior da América do Sul, com altura aproximada de um prédio de três andares.

Para explorar o local, as visitas são guiadas, mediante prévio agendamento, por meio do projeto *Arte Tumular*, que é coordenado pela administração local. Essas visitas têm o intuito de compreender as obras de arte, a História do ambiente e das pessoas e famílias sepultadas no local, como demonstra a imagem abaixo:

---

<sup>17</sup> Francisco de Paula Ramos de Azevedo foi um engenheiro-arquiteto, professor e empreendedor paulista formado na Bélgica. Os edifícios que projetou são hoje marcos arquitetônicos das cidades de São Paulo.

<sup>18</sup> Foi uma pintora, desenhista, escultora, ilustradora, cronista e tradutora brasileira. É considerada uma das principais artistas modernistas latino-americanas.

<sup>19</sup> Foi um poeta, contista, cronista, romancista, musicólogo, historiador de arte, crítico e fotógrafo brasileiro.

<sup>20</sup> Foi um escritor, intelectual e editor literário brasileiro. Participou ativamente do pré-modernismo e modernismo brasileiro.

<sup>21</sup> Foi um engenheiro-arquiteto, professor e empreendedor paulista formado na Bélgica.

<sup>22</sup> Domitila de Castro Canto e Melo, primeira e única viscondessa com grandeza e marquesa na cidade de Santos, foi uma nobre brasileira, célebre pela sua longa e influente relação amorosa com o imperador D. Pedro I.

<sup>23</sup> Foi um jornalista, político e médico italiano radicado no Brasil.

<sup>24</sup> Foi uma família de industriais, empresários e banqueiros ítalo-brasileiros, proprietários do maior conglomerado industrial da América Latina.

Figura 8 – Sarau Tour no Cemitério da Consolação: Arte, História e poesia.



Fonte: Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br>

Em Imperatriz, segunda maior cidade do Estado do Maranhão, o primeiro cemitério foi São João Batista, centenário, área que surgiu de um lote comprado pela prefeitura e transformado em cemitério público. Nele estão enterradas pessoas que edificaram essa cidade, como o primeiro prefeito, Gumercindo Milhomem (1901-1961), o vice-prefeito, Dorgival Pinheiro (1939-1971), nome dado também a uma avenida importante, além de professores, professoras, médicos, médicas, enfermeiras, artistas, parteiras e tantas outras pessoas que ajudaram a edificar essa cidade.

Figura 9 – Imagem da fachada do Cemitério São João Batista em Imperatriz, MA.



Fonte: Waze. Disponível em: [www.waze.com/pt-BR/live-map/directions](http://www.waze.com/pt-BR/live-map/directions)

Independente da sua localidade, de certo, os cemitérios influenciam o desenvolvimento urbano, pois a forma como ele é planejado, pode gerar impactos negativos e positivos para as cidades. De maneira negativa podemos citar o impacto ambiental. No caso do São João Batista, na cidade de Imperatriz, MA, não foram feitos estudos prévios e adequados com as normas ambientais, pois não foi encontrado nem o documento do terreno ou quaisquer projeto da época para a sua instalação, sabendo-se apenas que é do século XIX. Em relação ao meio ambiente, um dos problemas é a contaminação através do necrochorume<sup>25</sup> e a liberação de gases que podem poluir o solo e o lençol freático em áreas urbanas, podendo afetar a saúde pública. Além disso, cemitérios que foram originalmente construídos em áreas periféricas e foram "engolidos" pelo crescimento da cidade podem se tornar grandes espaços não edificáveis, levando a desvalorização imobiliária.

Como pontos positivos, podemos citar os cemitérios parques, com suas áreas verdes urbanas que ajudam no microclima, na qualidade do ar, no controle de ruído e na preservação da natureza. Como Patrimônio Histórico e Cultural preserva a história da cidade, refletem a arquitetura, a arte funerária e as estruturas sociais da comunidade que os criou, tornando-se pontos turísticos e elementos de valorização cultural. Mais que uma destinação de corpos, os

---

<sup>25</sup> Líquido viscoso, avermelhado e de cheiro forte resultante da decomposição de cadáveres, formado principalmente por água, sais minerais e substâncias orgânicas tóxicas como a cadaverina e a putrescina.

cemitérios cumprem uma função social e psicológica crucial, servindo como locais de luto, memória e conexão com entes queridos. "Os cemitérios são vistos como resumos simbólicos das sociedades que os criaram, repositórios de múltiplas camadas de patrimônio cultural" (Valladares, 1972, vol. 1, p. 146).

Para além do maniqueísmo, positivo e negativo, há questões interessantes e curiosas que envolve o espaço cemiterial notado em uma das visitas, *in loco*, no Cemitério São João Batista, que vão desde o planejamento do cemitério, seu *layout*, estilos dos túmulos, as iconografias, as mensagens escritas nas lápides e os vários sobrenomes que remontam a história da cidade de Imperatriz-MA e nomes pessoais que não são tão comuns na sociedade contemporânea, porém muito presente em décadas e/ou séculos passados. Sobre esses tópicos serão feitas as abordagens devidas com suas imagens que serão tratados mais tarde, especificamente.

Estabelecer uma conexão com o próximo tópico

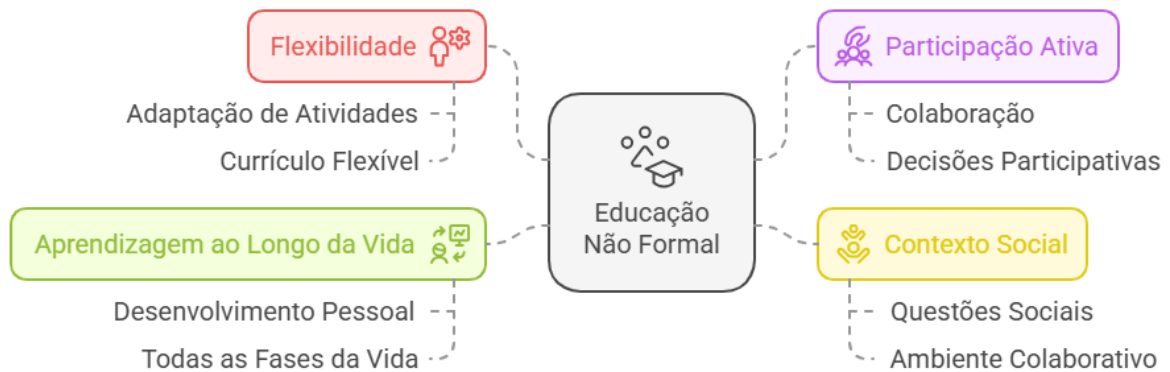
## 2.2 O ambiente escolar não formal

A educação não formal, refere-se a processos educativos que ocorrem fora do ambiente escolar tradicional, como parques, praças, centros religiosos, no caso desse estudo, o cemitério com sua riqueza e beleza.

Na pedagogia de projetos é necessário ter coragem de romper com as limitações do cotidiano, muitas vezes autoimpostas. No processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações, o aluno incentiva novas buscas, descobertas e reconstruções de conhecimento. O professor deixa de ser apenas um transmissor para atuar na mediação dessas aprendizagens (Almeida; Fonseca Júnior, 2000, p. 22).

Nesses inúmeros ambientes considerados não formais, percebe-se várias vantagens que não são oferecidos no ambiente dito formal, naquele conhecido como sala de aula, restrito nas quatro paredes da escola. Para melhor ilustrar, produziu-se um infográfico demonstrado abaixo:

Figura 10 – Vantagens do ambiente escolar não formal.



**Fonte:** Produzido pela autora (2025).

Os espaços não formais se apresentam como estratégias importantes de ensino e aprendizagem em diversas áreas do conhecimento. Ademais, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998; 2000), sugerem a realização de atividades de campo ou estudo do meio como alternativa para colocar em prática a observação e a problematização, além de desenvolver outras habilidades, tais como coletar, registrar e analisar dados. Terci e Rossi (2015) entendem que o uso do meio indica a potencialidade de espaços não-formais para a promoção da educação com destaque para o ensino de ciências.

Assim, o currículo escolar não precisa ser proposto e realizado apenas dentro do ambiente escolar, podendo ser pensado e elaborado para fora do âmbito da sala de aula, com intuito de abranger locais onde os alunos possam ter uma reflexão mais ampla do conhecimento do ensino de ciências, contribuindo assim, para uma aprendizagem mais significativa.

Na mesma perspectiva, Queiroz *et al.* (2011, p. 7) destacam que:

Todo e qualquer espaço pode ser utilizado para uma prática educativa de grande significação para professores e estudantes. Contudo, antes da prática é necessário construir um planejamento criterioso para atender ambos os objetivos – professores e estudantes. No planejamento, deve-se ter atenção, principalmente, com a segurança dos estudantes neste ambiente, para evitar imprevistos e também saber quais os recursos ali existentes que poderão ser utilizados durante a prática de campo com os estudantes.

Entende-se que o espaço não formal é um ambiente diferenciado de ensino, sendo compreendido como motivador, como meio de ampliar a participação do estudante na construção e na significação dos conhecimentos. Nesta direção, Ribeiro *et al.* (2011, p.3) apontam que “é desejável que o professor promova um ambiente afável, transmitindo ao aluno

um sentimento de pertencimento, onde se sinta integrado e veja legitimadas as suas dúvidas e os seus pedidos de ajuda”. Nesse sentido, as atividades educativas em cemitérios podem contribuir para o desenvolvimento de valores fundamentais, como empatia, respeito pela vida e reflexão sobre a morte, além disso, a prática educativa nesse contexto ajuda os estudantes a se tornarem adultos mais sensíveis e conscientes de sua condição humana.

Chaves *et al.* (2016,p.22) ressaltam que “os docentes precisam conhecer, compreender, operacionalizar atividades escolares em diferentes espaços escolares de forma a complementar e a enriquecer a dinâmica do processo de ensino e de aprendizagem dos indivíduos”. No caso dessa dissertação que traz os cemitérios como esse espaço diferente, vimos que eles oferecem oportunidades para explorar diversos temas, como história, arte, religião, desigualdade social existente em vida e na morte como mostra o comportamento humano em diversas civilizações ao longo do tempo.

Para Gohn (2009, p.40):

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigos; ou em espaços delimitados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.

Portanto, a reflexão acima, reforça que os espaços não formais são importantes, mas também oferece uma perspectiva valiosa sobre como esses espaços podem impactar positivamente no desenvolvimento social, pois favorece a participação coletiva, complementando o ensino formal e promovendo uma conexão mais profunda com os grupos sociais, promovendo socialização e solidariedade entre eles.

Por sua vez, Jacobucci (2008, p. 56), enfatiza que, “o espaço não formal é todo local onde pode ocorrer uma prática educativa, sejam eles institucionalizados ou não institucionalizados”, ou seja, o autor corrobora com esse trabalho no sentido de que reconhece que a educação não formal não substitui ou compete com a educação formal ou escolar, mas a complementa, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizadas no território de entorno da escola.

Por fim, Porto *et al.* (2011, p. 5) destacam que, “os espaços não formais de ensino são espaços ricos para promover toda possibilidade e interação voltada para a busca do conhecimento, em especial a interação entre professor e aluno, que em sala de aula se

caracteriza como uma relação fechada”. Nesse sentido, um ponto crucial para a compreensão do papel dos espaços não formais na educação, pois afirma que a educação não formal pode ser uma prática eficaz para aproximar docentes e estudantes, complementando o ensino formal e promovendo um ambiente de aprendizado mais engajador e significativo.

Percebe-se que, muitos são os especialistas que por meio de suas publicações defendem os espaços não formais considerando a educação não formal um processo educacional que ocorre fora do sistema tradicional de ensino, sendo organizada, mas com a particularidade de que os resultados de aprendizagem não são avaliados formalmente. Este tipo de educação é complementar à educação formal e se caracteriza por sua flexibilidade em relação a tempo e espaço, permitindo uma abordagem mais livre e adaptável às necessidades dos aprendizes, levando-os a novos saberes.

### 2.3 A multiplicidade de elementos existentes no espaço cemiterial para a elaboração de projetos interdisciplinares pedagógicos

Caminhando por um cemitério, podemos ver elementos que nossos olhos podem enxergar, nossos pés possam explorar, nossas mãos possam tocar e nosso coração possa sentir. As lápides trazem as palavras que homenageiam aqueles que agora jazem, muitas vezes nunca pronunciadas em vida, os túmulos com adornos revelando religiões e classes sociais em que o morto viveu em sua caminhada entre nós, símbolos com seus significados que eternizam qualidades daqueles que estão inumados naquele espaço.

E quando se trata de um olhar pedagógico? a multiplicidade de elementos explode em tempestades de ideias. Ao ler as lápides com suas frases, textos e salmos bíblicos percebemos a língua grafada e tudo que ela pode revelar em homenagem aos nossos mortos. O registro nessas pedras é uma afirmação de uma identidade e a eternização de um local social pós morte; a história que é inerente aos túmulos revela quem eram em vida aqueles que agora tem ali sua nova morada; a geografia da morte nos mostra a localização dos cemitérios como um espaço que faz parte da paisagem das cidades; por sua vez, a matemática que é indispensável e notada em toda a estrutura cemiterial como o seu *layout*, formas geométricas dos túmulos, as estatísticas e as projeções tão necessárias para prever a lotação desse espaço. Não podemos esquecer da arte, conhecida como arte tumular ou arte funerária, que reflete não apenas a estética, mas também as crenças e tradições de diferentes sociedades ao longo da história, por

intermédio das esculturas, monumentos e símbolos. que adornam os túmulos, oferecendo um espaço para a memória e a homenagem aos falecidos.

Diante de tanta riqueza uma pergunta é pertinente: por que não se têm tantos projetos voltados para explorar a diversidade de saberes dos espaços cemiteriais? A bem da verdade, a falta de projetos pedagógicos de forma geral é perceptível nas escolas públicas e privadas, especialmente no ensino fundamental e médio, talvez pelos desafios enfrentados pelos educadores em todo território nacional, como a resistência à mudança por parte de alguns profissionais e a necessidade de formação contínua para os docentes. Para Moura, "essa postura em se trabalhar com projetos contribui de forma efetiva na formação integral do educando, criando condições de desenvolvimento cognitivo e social" (Moura,2010, p. 8). No entanto, há grande relevância nos projetos como prática pedagógica inovadora, eles são amplamente necessários e trazem resultados significativos para o ensino- aprendizagem.

Os projetos pedagógicos são planos de ação que estruturam a proposta educacional. Esses projetos são obrigatórios para todas as escolas, seguindo as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Eles são disciplinares pedagógicos relacionados a componentes curriculares ou áreas de conhecimento e podem ser parte integrante do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

No contexto da LDB, os projetos disciplinares podem abordar estratégias de ensino, conteúdos programáticos, metodologias específicas ou até mesmo ações voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências em uma determinada disciplina ou componente curricular, mas eles devem estar alinhados com os princípios educacionais e as diretrizes curriculares estabelecidas pelo sistema de ensino.

Vale ressaltar que, é importante que esses projetos sejam elaborados de forma participativa, envolvendo toda a comunidade escolar. Assim, eles podem contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e para o alcance dos objetivos educacionais da instituição. Segundo Paulo Freire: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção", (Freire,1996, p. 37). Os projetos pedagógicos são fundamentais para uma educação transformadora e emancipatória, pois esse educador tem fio condutor da sua prática pedagógica o diálogo e leitura do mundo. Para Freire "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele". (Freire,1993, p. 12) Além de acreditar

que a escola deveria ensinar os discentes a “lerem o mundo”, o mais importante era fazer com que ele intervisse positivamente nele.

Segundo Hernández e Ventura (1998, p. 68):

Definitivamente, a organização dos projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem.

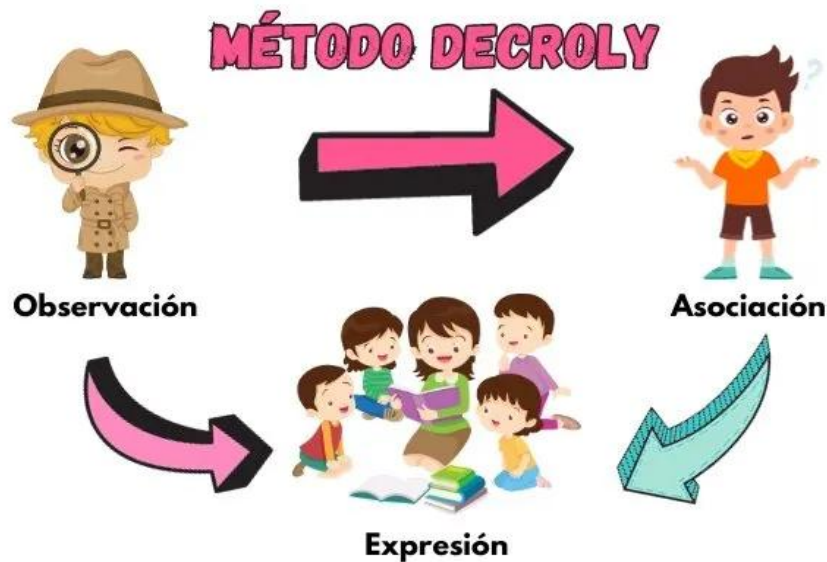
Trata-se de um processo em que os conteúdos e áreas do conhecimento não são isolados, mas inter-relacionados para responder às necessidades reais da aprendizagem, que envolve solucionar problemas subjacentes ao processo educacional. Essa visão destaca que o currículo deve ser dinâmico, integrado e orientado a objetivos significativos para os alunos, não apenas segmentado em disciplinas estáticas.

Dewey (1899, p.13) enfatizava a aprendizagem por meio da experiência e da ação, afirmando imperativamente: “Dê aos alunos algo para fazer, não algo para aprender; e o fazer é de tal natureza que exige pensar; a aprendizagem resulta naturalmente.”. Sendo um dos principais representantes da corrente pragmatista, ele defendia que os projetos deveriam ser baseados nos interesses e necessidades dos alunos, promovendo a participação ativa e a reflexão crítica que o aprendizado brotaria em suas cabeças. Para Ovide Decroly (1871-1932)<sup>26</sup>, a aprendizagem deve seguir um método globalizador, que integra diferentes áreas do conhecimento em projetos temáticos. Seu enfoque era proporcionar uma educação mais significativa, conectando os conteúdos à realidade dos estudantes como mostra o seu método abaixo:

---

<sup>26</sup> Foi um médico, psicólogo e educador belga, uma das figuras centrais do movimento da Escola Nova

Figura 11 – Diagrama do Método Decroly



Fonte: Educapeques (2023).

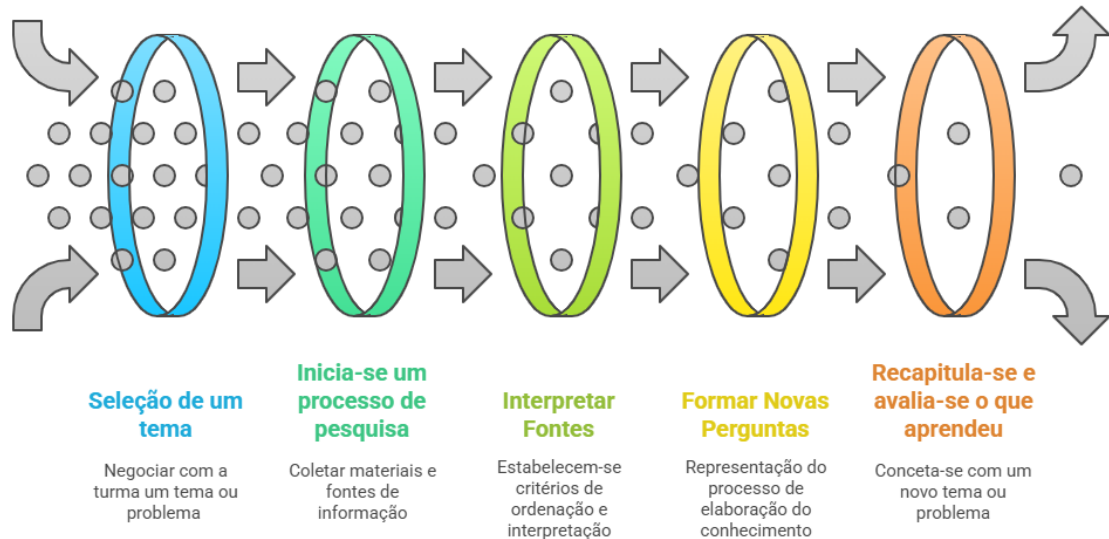
A observação é vista como uma atitude constante no processo educativo, a associação por meio da observação passa a ser compreendido em termos de tempo e espaço. E a expressão permite que o estudante externar e compartilhe o que aprendeu. Ademais, há uma valorização das linguagens múltiplas, pois nem só a palavra é um meio de expressão, mas também a linguagem corporal, as construções, os espaços, artefatos e a arte.

Por sua vez, Nogueira (2001, p.131) afirmava ser “fundamental dar a eles oportunidades de situações para ‘aprender a fazer’, aceitar desafios, tomar decisões e realizar uma série de ações ordenadas para atingir sua meta”. Dessa forma, os projetos colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, incentivando-o a lidar com os repertórios do dia a dia. Com isso, percebe-se que a pedagogia de projetos busca aproximar ao máximo os estudantes do seu contexto social, desenvolvendo o senso crítico, a pesquisa e a resolução de problemas, além de levar o discente a aceitar desafios e tomar decisões.

No contexto da BNCC, os projetos pedagógicos podem abordar estratégias de ensino, conteúdos programáticos, metodologias específicas ou até mesmo ações voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências em uma determinada disciplina, porém é importante que esses projetos sejam elaborados de forma participativa, envolvendo familiares, comunidade e corpo escolar. Assim, eles podem contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e para o alcance dos objetivos educacionais da instituição. Esses projetos

podem ser parte integrante do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Figura 12 – Processo de Desenvolvimento de Projetos.



**Fonte:** Produzido pela autora (2025) a partir de Hernández (1998, p. 81).

A proposta de trabalhar com projetos é uma tentativa de fazer os discentes desenvolverem habilidades críticas, como resolução de problemas, trabalho em equipe e reflexões acerca de vários âmbitos, pois permite que seja integrado diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma visão mais holística do aprendizado. No caso desse estudo as áreas são humanas, exatas e linguagens. “A Pedagogia de Projetos surge da necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador no processo ensino/aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de cada projeto de trabalho” (Moura, 2010, p. 3). Essa abordagem pedagógica é inovadora e eficaz, pois pode-se aplicar teorias e conceitos em situações reais, superando o aprendizado chamado bancário. “A concepção bancária, na qual o conhecimento é depositado nos alunos como se fossem meros recipientes, sem conexão com a realidade e sem espaço para o diálogo e a reflexão crítica” (Freire, 2005, p. 68), porém, há desafios que precisam ser enfrentados para que esse tipo de prática seja possível.

Muitos educadores ainda estão habituados a métodos tradicionais de ensino e podem encontrar dificuldades em adotar projetos em seus planos de aula, para isso, faz-se necessário investimento na formação continuada e o suporte pedagógico são fundamentais para que os

docentes se sintam confiantes nessa nova abordagem. “A educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente - tão real e vital para o aluno como o que ele vive em casa, no bairro ou no pátio” (Dewey, 1897, p. 56). Além disso, faltam recursos materiais e financeiros que não estão disponíveis nas escolas. Isso pode limitar a criatividade e a profundidade dos projetos a serem desenvolvidos.

No caso desse estudo, os projetos pedagógicos têm um nível maior de dificuldade por se tratar da quebra de um tabu, o espaço cemiterial, enxergado muitas vezes como um lugar que deve ser esquecido ou com a finalidade de colocar um fim em si mesmo e não um início de um processo de investigação ou pesquisa. Apesar da pedagogia do projeto ser uma abordagem educacional que emergiu com a Escola Nova<sup>27</sup>, que buscavam reformular as práticas pedagógicas tradicionais, caracterizada pela centralidade do estudante no processo de aprendizagem, enfatizando a resolução de problemas e a construção do conhecimento através de experiências significativas. “Todos os estudantes têm direitos de aprendizagem garantidos, que devem ser assegurados pelas instituições de ensino, conforme a etapa da educação”. (Brasil, 2018).

O primeiro passo na elaboração de um projeto pedagógico é realizar um diagnóstico detalhado da realidade da escola e da comunidade onde está inserida. Hernández (1998, p. 13) alega que “[...] todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto”. Com isso, envolve a identificação de necessidades e demandas dos discentes, docentes e da comunidade. Com base nas necessidades identificadas, o próximo passo é estabelecer metas e objetivos claros para o projeto pedagógico. Esses objetivos devem ser no mínimo alcançáveis, pois têm que estar dentro do contexto do conteúdo programático da área escolhida e compatível com a demanda elencada pelas partes envolvidas no projeto, que por sua vez, deve ser relevante e com prazos definidos. Finalmente, uma questão que não pode ser ignorada. Como avaliar e atribuir notas para projetos realizados em espaços não formais como o cemitério?

Os projetos educacionais em ambientes não formais podem dificultar a avaliação e a atribuição de notas de maneira sistemática e reconhecida pelas autoridades educacionais, pois costuma-se pensar que a falta de formalização pode levar à percepção de que esses projetos não

---

<sup>27</sup> Foi um movimento educacional que surgiu na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX, ganhando força no Brasil a partir da década de 1920. Sua proposta era renovar a educação, opondo-se aos métodos tradicionais de ensino e defendendo a democratização do ensino e a valorização do aluno como protagonista de seu próprio aprendizado.

são tão rigorosos ou eficazes quanto os ambientes formais, pois nesses ambientes há muitas adversidades que podem tornar difícil estabelecer critérios uniformes de avaliação e atribuição de notas dentro do padrão formal, pois a realização de projetos, sobretudo em ambientes não formais prioriza o desenvolvimento de competências e a aprendizagem contínua em vez de resultados acadêmicos tradicionais, com avaliação quantitativa, por exemplo.

Dentro dessa perspectiva, John Dewey (1897,p.77) defendia que “educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura”, entende-se que o mais relevante é a avaliação do progresso e os ajustes necessários para atingir os objetivos, propondo que a escola deve refletir a vida real dos estudantes. Com isso, o importante seria obter opiniões dos estudantes, docentes e familiares sobre as ações implementadas para os ajustes necessários para que no final fosse realizada uma avaliação abrangente para medir se os objetivos foram alcançados e quais impactos foram gerados na comunidade escolar.

Por fim, é fundamental documentar todo o processo de elaboração e execução do projeto pedagógico, como relatórios das atividades com as ações e resultados; reflexões sobre o que funcionou bem e o que poderia ser melhorado em futuras edições do projeto. Além disso, é importante socializar os resultados com toda a comunidade escolar, promovendo um espaço de discussão sobre as conquistas e desafios enfrentados durante a implementação do projeto.

Dessa forma, a elaboração de um projeto pedagógico é um processo colaborativo que exige a participação ativa de todos os membros da comunidade escolar. Ao seguir esses passos, as instituições podem desenvolver projetos mais eficazes, alinhados às necessidades dos alunos e à realidade local, contribuindo assim para uma educação mais significativa e transformadora. Essa abertura metodológica e o compromisso com uma formação contextualizada permitem que a escola extrapole seus limites físicos, buscando em espaços não convencionais novos objetos de investigação científica e pedagógica.

Dentro dessa perspectiva de currículo expandido, o ambiente cemiterial deixa de ser compreendido apenas sob a ótica do luto para ser ressignificado como uma fonte primária de saber interdisciplinar.

Trabalhar com o espaço cemiterial provoca a curiosidade dos educandos e de todos os envolvidos na comunidade escolar. O espaço cemiterial possui inúmeros recursos de estudo e é uma excelente ferramenta pedagógica que resgata o interesse do/da adolescente virtualizado (a) do século XXI e auxilia o/a docente desconectado (a) do século XX a desenvolver uma atividade diferenciada e criativa com seus estudantes. (RIGO, 2015, p. 126).

A análise da cultura material e da memória ali depositadas oferece um suporte concreto para a compreensão da historiografia e das dinâmicas sociais, consolidando a prática educativa em territórios que, embora marginais à sala de aula tradicional, são ricos em densidade teórica e empírica. Tal fundamentação estabelece a base para a exploração do capítulo seguinte.

### **3 ONDE OS VIVOS APRENDEM COM OS MORTOS: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO EPISTEMOLÓGICO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Neste capítulo, convidamos para apreciação dos resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica realizada, com o intuito de evidenciar as múltiplas possibilidades de utilização do espaço cemiterial como cenário pedagógico. Os dados e reflexões que aqui serão reunidos poderão servir de embasamento para que docentes, especialmente de História, Matemática e Arte do ensino fundamental e/ou médio, possam planejar experiências investigativas e formativas junto aos seus discentes, explorando criticamente esse território carregado de memória, simbologia e significados.

Para Mauri (2014, p. 74):

Os símbolos possuem um caráter afetivo de forma genética, cujas explicações encontramos nos arquétipos das estruturas do inconsciente, mesmo sendo sobre os aspectos sociais da humanidade, mesmo considerando a imagem no inconsciente, pois é necessário passar no consciente para se infiltrar no inconsciente. Podemos caracterizar as imagens pelos símbolos, pois toda e qualquer imagem é causa e consequência do imaginário, configurando o sagrado como universal.

Com base nesse entendimento, serão organizadas três subseções e em cada uma delas, serão sugeridos, temas, abordagens e apontamentos teórico-práticos que podem orientar os educadores na elaboração de propostas didáticas sensíveis, críticas e contextualizadas, tendo como eixo central o espaço cemiterial como objeto de estudo e pesquisa, contudo, antes de se fazer as propostas ou sugestões de metodologias ativas não podemos negligenciar uma realidade presente no chão da sala de aula e da jornada dos docentes como um todo, pois no espaço de um ano letivo, são tantas adversidades e percalços que essa classe enfrenta com as demandas pedagógicas exaustivas e burocráticas que corroem o tempo e a energia desse profissional, que apesar da sua boa vontade, desenvolvem uma série de angústias e dificuldades, por não

realizarem ou não planejem tantos projetos pedagógicos como gostariam e necessitariam, ou por vezes, conseguem colocar no papel, mas não executarem.

Entende-se que, apesar de serem detentores do conhecimento sobre projetos pedagógicos interdisciplinares, poucos docentes desenvolvem essas metodologias ativas para produzirem o conhecimento, por isso, reconhece-se que há uma lacuna e dessa forma um despertar para colaborar mais ainda com esses profissionais, principalmente do componente curricular de Matemática, História e Arte, propondo possibilidades e sugestões para a realização de novas experiências para o ensino-aprendizagem de modo interdisciplinar utilizando o espaço dos cemitérios.

Para Goldman (1979, p. 3-25) “um olhar interdisciplinar sobre a realidade permite que entendamos melhor a relação entre seu todo e as partes que a constituem”. Segundo o autor, essa abordagem amplia as perspectivas e pode revelar relações e dinâmicas que não seriam visíveis se uma única disciplina fosse utilizada. Partindo do pressuposto apresentado por Japiassu (1976), de que “a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”, exige-se que os componentes curriculares que se colocarão nesse processo interdisciplinar se entrelacem de maneira recíproca. Para tanto, é imprescindível a complementaridade dos métodos, dos conceitos e das estruturas para alcançar o objetivo comum que seria o aprendizado.

De acordo com Stamberg (2016, p.22), “é preciso mais valorização e apoio aos professores, para que as práticas interdisciplinares possam ser implementadas”. Compreende-se que, sem o tempo necessário de planejamento, políticas de formação continuada, organização de grupos de estudos e pesquisa é difícil que o modelo educativo vigente seja modificado. Fazenda (1994,p.66) também destacou que “as negações que marcam os trabalhos desses professores, de sua solidão em trabalhar muitas vezes com a acomodação institucional e o incômodo dos colegas com sua atitude de empenho profissional”. Por sua vez, Moran (2018, p.95) destaca que "a BNCC propõe uma educação mais integrada e voltada para o desenvolvimento de competências, o que demanda uma reorientação das práticas pedagógicas".

Esse direcionamento desafia os educadores a reconstruírem suas abordagens didáticas, exigindo planejamento conjunto, diálogo contínuo e abertura à inovação. Conforme argumentam Libânio (2012 e Moran 2015,p.38) “o papel do professor deixa de ser apenas o de transmissor de conteúdos e passa a ser o de mediador e articulador do conhecimento, sendo crucial sua atuação colaborativa para promover práticas interdisciplinares”. Para Japiassu

(1976, p.73), “o contexto da educação que promova a formação de indivíduos que saibam lidar com a complexidade da realidade é preciso um ensino que supere a atual fragmentação do conhecimento. Para isso, os professores necessitam utilizar a interdisciplinaridade como eixo condutor de suas práticas”. Contudo, existem alguns desafios que dificultam o trabalho interdisciplinar nas escolas, como:

- A falta de valorização do trabalho do docente comprometido;
- A falta de infraestrutura adequada para a execução de trabalhos interdisciplinares;
- A falta de tempo devido volumosas demandas pedagógicas e burocráticas;
- A falta de incentivo através de remuneração extra pela demanda que exige as reuniões para se realizar projetos pedagógicos em conjunto.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a interdisciplinaridade incentiva práticas pedagógicas que busquem a articulação entre os diferentes campos do conhecimento e propõe uma formação integral centrada no desenvolvimento de competências gerais, promovendo projetos que envolvam vários componentes curriculares e considerem os contextos socioculturais dos alunos. Apesar disso, há uma resistência do corpo escolar em realizá-los devido a diversos fatores já citados. Contudo, “o professor que ensina a trabalhar em conjunto é também alguém que trabalha com os demais professores na construção de projetos e na formação continuada, favorecendo assim a colaboração e o desenvolvimento coletivo” (Almeida; Fonseca Jr., 2000, p. 22).

Dentro desse panorama, entende-se que, as propostas para realização dos projetos pedagógicos interdisciplinares e seus procedimentos metodológicos, deverão contribuir para dar uma maior visibilidade e transparência ao trabalho a ser desenvolvido, permitindo que docentes e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento possam promover a reflexão para oferecer um ensino colaborativo e significativo na Educação Básica, apesar de todas as dificuldades.

Segundo a BNCC,

A construção do conhecimento não deve ocorrer de forma fragmentada, mas integrada, para que os estudantes compreendam as relações entre diferentes disciplinas e sua aplicação em contextos reais. Por exemplo, ao trabalhar temas como sustentabilidade ou tecnologia, professores de ciências, geografia e matemática podem colaborar para oferecer uma visão mais abrangente, conectando conceitos e demonstrando a aplicabilidade prática do conhecimento adquirido (Brasil, 2018).

Dessa forma, os projetos interdisciplinares envolvendo a História, Arte e Matemática com uso de metodologias ativas de ensino seguem uma perspectiva de protagonismo e aprendizagem significativa por parte de docentes e discentes.

### 3.1 O Cemitério como Laboratório de Matemática

A matemática é uma disciplina presente em diversos aspectos de nossas vidas, desde o ambiente escolar até as mais diversas atividades do nosso cotidiano. No dia a dia, ela é essencial, pois facilita tarefas como compras, gerenciamento financeiro e resolução de problemas lógicos. Sua presença é tão natural que muitas vezes passa despercebida, o uso de recursos como a internet e o computador, neste momento utilizados para produção desses textos não seria possível sem a matemática. No entanto, um lugar inusitado que também pode servir como um laboratório para a prática matemática é o cemitério.

O cemitério, como espaço de descanso final dos entes queridos, é um local repleto de informações matemáticas. As dimensões dos túmulos, a disposição das lápides, a organização dos jazigos e até mesmo a geometria das estruturas presentes no local são elementos que podem ser explorados sob um olhar matemático. Ademais, a análise estatística dos dados presentes em um cemitério, como a idade média dos falecidos, usando para isso a álgebra, são exemplos de como a matemática pode ser aplicada nesse contexto.

Portanto, o cemitério pode ser visto como um laboratório de matemática, um local que oferece um ambiente rico em dados e informações matemáticas a serem exploradas e analisadas. A utilização desse espaço como um campo de estudo pode proporcionar novas perspectivas e insights para a prática da matemática, enriquecendo assim o conhecimento nesse componente curricular.

Utilizar o cemitério como espaço para o ensino de Matemática é uma abordagem inovadora, que conecta os conceitos da disciplina com a realidade e a cultura local, muitas vezes no âmbito da Etnomatemática.<sup>28</sup> Essa prática ajuda a desmistificar o ambiente, no caso, o

---

<sup>28</sup> É uma abordagem que estuda a matemática presente em diferentes culturas e contextos, valorizando os saberes e fazeres matemáticos de grupos como artesãos, pescadores e povos indígenas.

cemitério, como apenas um depósito de cadáveres, e o torna um espaço com potencial par promover a aprendizagem mais significativa e interdisciplinar.

Nesse espaço não formal de aprendizado é comum encontrar figuras geométricas como o círculo, o quadrado, o triângulo e o retângulo, presentes nos túmulos, lápides, mausoléus e capelas. O círculo, por exemplo, simboliza a eternidade e o ciclo da vida e da morte, refletindo a ideia de continuidade e infinito. Já o quadrado está associado à solidez, estabilidade e equilíbrio, características que remetem à ideia de descanso definitivo e repouso tranquilo. O triângulo, frequentemente presente em ornamentos e detalhes, pode representar a trindade, seja em contextos religiosos como Pai, Filho e Espírito Santo, ou em interpretações filosóficas e esotéricas. Formas retangulares e linhas retas são usadas para estruturar os monumentos e dar uma sensação de ordem e rigidez, organizando o espaço visualmente.

Outras formas geométricas, como losangos, hexágonos e arcos, aparecem em grades, portões e detalhes decorativos, enriquecendo a diversidade visual. Essas figuras não são apenas elementos decorativos, mas carregam Histórias e simbologias que dialogam com os modos de ver a vida, a morte e o sagrado na cultura ocidental.

Assim, as figuras geométricas no cemitério funcionam como linguagem visual que traduzem conceitos profundos e ao mesmo tempo cria uma identidade estética singular para esses espaços de memória e respeito. Elas conectam tradição, espiritualidade e arte, mostrando que geometria e simbolismo caminham juntos na construção dos lugares do eterno descanso.

Para melhor ilustrar a presença da matemática nos cemitérios, segue imagens desse espaço em diversas localidades do país:

Figura 13 – Cemitério particular em São Paulo.



Fonte: Uol (2024).

A imagem mostra um columbário<sup>29</sup>, em que os nichos formam um grande “gradeado” retangular, para isso, fez-se mister as propriedades matemáticas como: paralelismo, perpendicularidade, simetria, regularidade de medidas (módulos iguais) e organização em malha (grade) cartesiana, com o objetivo de padronizar os nichos, otimizar o uso do espaço disponível e facilitar a organização, manutenção e localização das urnas/corpos. O cemitério acima, particular, é um novo modelo de negócio em São Paulo que de forma empresarial visa oferecer o produto, aproveitando ao máximo de espaço disponibilizado.

---

<sup>29</sup> Edifício provido de numerosos nichos onde se conservam as cinzas de cadáveres humanos incinerados.

Figura 14 – Imagem aérea do Cemitério do Bonfim – Belo Horizonte – MG



Fonte:

[www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativo-turistico/cemiterio-do-bonfim](http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativo-turistico/cemiterio-do-bonfim) (2016).

O cemitério, enquanto espaço urbano, é resultado de decisões projetuais que envolvem divisão de áreas, definição de eixos de circulação, alinhamento de quadras e escolha de formas geométricas para túmulos e passeios. Esses elementos revelam concepções de ordenamento da morte, de hierarquia social e de memória coletiva, ao mesmo tempo em que respondem a exigências legais, ambientais e sanitárias.

Figura 15 – Planta do Cemitério da Saudade em Campinas – SP.



Fonte: Prefeitura de Campinas. (2003)

O Cemitério da Saudade é formado por cinco cemitérios distintos, sobre um terreno de 181.500 m<sup>2</sup> (ou 7,5 alqueires), com 112 quadras e 32 mil sepulturas, tendo já sido realizado o sepultamento de quinhentos mil corpos. Assim, o estudo da planta do cemitério, de seus setores e fluxos, permite compreender como o espaço funerário organiza corpos, histórias e afetos por meio de uma geometria que é, ao mesmo tempo, técnica e simbólica.

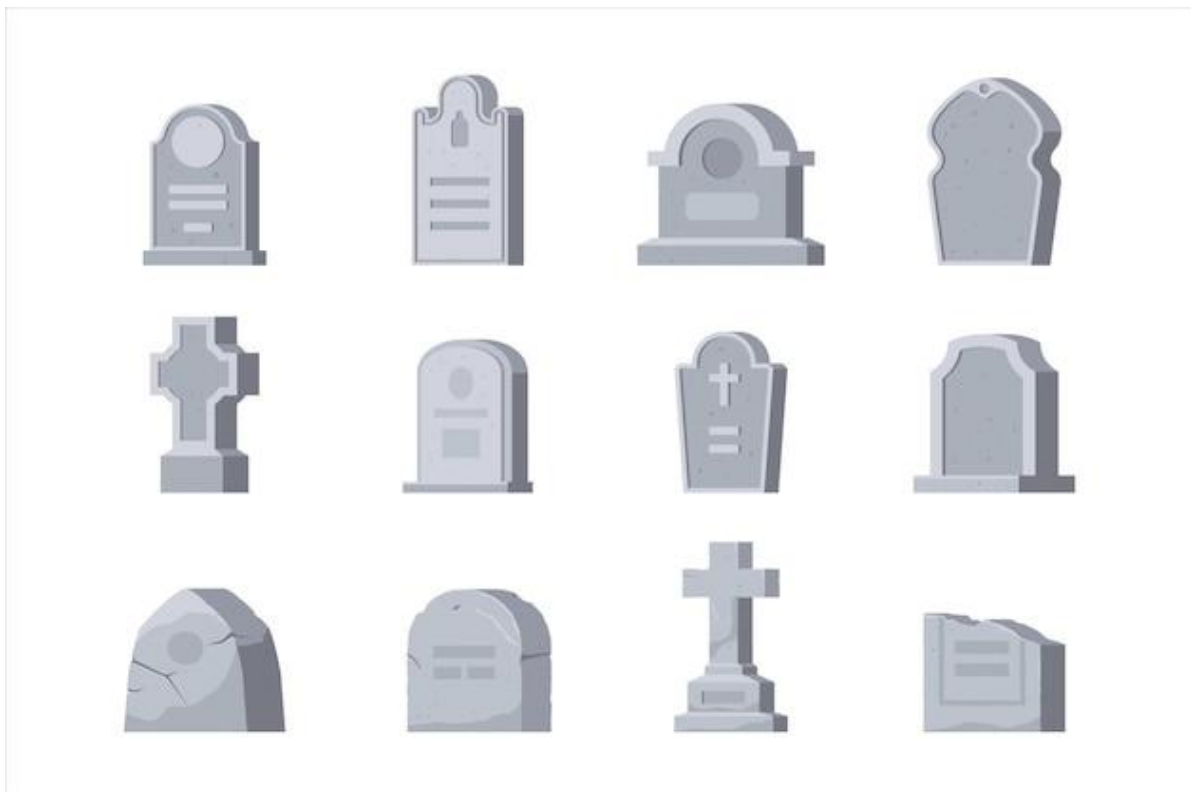
Figura 16 – Padronização Estética de Cemitério em Campo Grande - MS



Fonte: Jornal Midiamax (2024).

Percebemos que na imagem abaixo (figura 17), a matemática assume papel central ao fornecer os instrumentos para analisar e planejar a ocupação do terreno, a distribuição de jazigos e a largura adequada dos passeios. Medidas de área, perímetro e volume orientam o dimensionamento dos lotes, o cálculo da capacidade de sepultamento e a previsão da vida útil do cemitério, evitando superlotação e conflitos de uso. A geometria plana e espacial, por sua vez, possibilita estudar o arranjo das quadras, a disposição ortogonal ou não das alamedas, a relação entre formas das lápides e a legibilidade do espaço para quem o percorre. Ao transformar a experiência sensível do cemitério em dados, proporções e relações métricas, a matemática abre caminho para leituras interdisciplinares que articulam urbanismo, educação, História e cultura, mostrando como o espaço dos mortos também é um campo privilegiado para pensar a formação dos vivos.

Figura 17 – Formas geométricas encontradas nas lápides dos cemitérios



Fonte: [freepik.com/vetores-premium/conjunto-de-cemiterio-lapide-de-cemiterio-de-formas-diferentes](https://www.freepik.com/vetores-premium/conjunto-de-cemiterio-lapide-de-cemiterio-de-formas-diferentes) (2025).

As lápides acima, são de variadas formas, com predominância das retangulares e variações de quadriláteros, além de outras com formatos de cruz e de blocos irregulares. A maioria delas tem contorno básico retangular, com altura maior que a largura; algumas têm topo

em arco, mas a parte inferior mantém a forma de quadrilátero. No formato da cruz latina há pelo menos duas lápides em perpendiculares, com segmentos retilíneos que formam ângulos retos. Todas podem ser vistas como figuras planas (2D) compostas por segmentos de reta e, em alguns casos, por arcos de circunferência na parte superior. Todos esses fatores matemáticos fazem parte da Geometria, ramo da Matemática que estuda as propriedades de figuras e espaço, tendo como principais cálculos de medidas, a área, perímetro, volume, ângulos e comprimento de segmentos. Esses cálculos servem para comparar tamanhos, planejar construções, dividir espaços e resolver problemas em geral, operações imprescindíveis para o cemitério.

### **Medidas mais trabalhadas no contexto cemiterial.**

- **Perímetro:** soma dos lados de uma figura plana, como quadrado, retângulo, triângulo, polígonos em geral.
- **Área:** medida da superfície de figuras planas (quadrado, retângulo, círculo, triângulo, trapézio etc.).
- **Volume:** medida do espaço ocupado por sólidos (cubo, paralelepípedo, esfera, cilindro, pirâmide).
- **Ângulos:** medidas internas de polígonos, como triângulos e quadriláteros, usando soma de ângulos e, em níveis mais avançados, trigonometria.
- **Comprimentos:** raio, diâmetro e circunferência em círculos, além de diagonais em quadrados, retângulos e losangos.

Outra abordagem importante visualizada nos cemitérios é o uso da etnomatemática que é um campo de estudo que investiga como diferentes grupos sociais produzem, organizam e utilizam saberes matemáticos em suas práticas cotidianas, fora da matemática escolar formal, como podemos observar na (figura 18), pedreiros reformam túmulo utilizando comumente o conhecimento empírico, dito popular, aprendido por intermédio da observação. D'Ambrosio<sup>30</sup>(2001), define etnomatemática como a combinação de: etno (ambiente natural e cultural) + matema (conhecer, explicar, entender, lidar com o ambiente) + tica (artes, técnicas, modos e maneiras de), que considera que toda cultura desenvolve maneiras próprias de contar, medir, organizar o espaço, construir e registrar o tempo, reconhecendo esses saberes como

---

<sup>30</sup> UBIRATAN D'AMBRÓSIO (1932-2021), matemático e educador brasileiro, criador do programa etnomatemática.

legítimos e historicamente situados. Ao fazermos isso, valorizamos os conhecimentos de trabalhadores, comunidades tradicionais, povos originários, artesãos, entre outros, rompendo com a ideia de que só a matemática acadêmica é “correta” ou “superior”.

Figura 18 – Reforma de túmulos em Votorantim - SP



**Fonte:** Prefeitura de Votorantim – SP (2021).

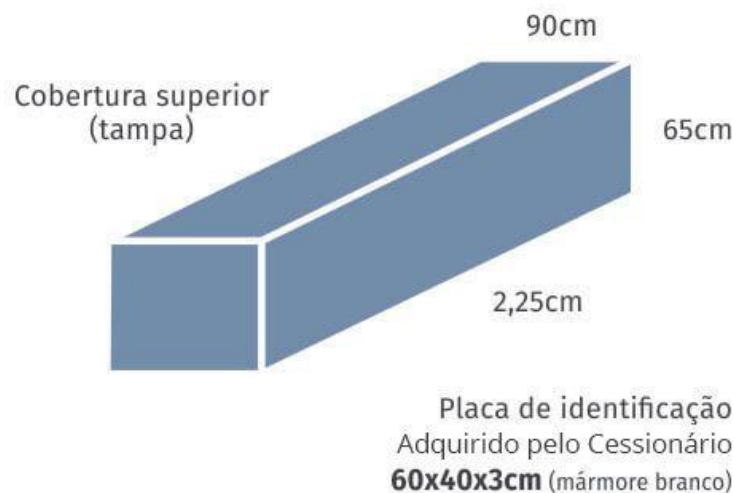
A importância da etnomatemática reside em sua capacidade de aproximar a matemática acadêmica da realidade vivida pelas pessoas, revelando que conceitos abstratos emergem de necessidades concretas relacionadas ao trabalho, à sobrevivência, à fé e à convivência social. Ao dialogar com práticas culturais locais, o ensino ganha maior significado, fortalece identidades coletivas e combate preconceitos contra saberes populares, promovendo uma educação inclusiva e transformadora. Como destaca Arroyo, "Outros sujeitos sociais se fazem presentes em ações coletivas e em movimentos. Até nas escolas/universidades chegam sujeitos outros que nunca chegaram. Trazem e exigem outras pedagogias" (Arroyo, 2014, p. 25). Ademais, a etnomatemática fomenta uma perspectiva crítica ao questionar quem produz o conhecimento, para que ele serve e como pode ser ressignificado em contextos diversos, alinhando-se assim a uma pedagogia democrática e emancipatória.

Nos cemitérios, a etnomatemática aparece nas práticas de pedreiros, marmoreiros, coveiros e familiares que planejam e constroem túmulos, gavetas e columbários. Esses

trabalhadores lidam com medidas de comprimento, área e volume, com proporções para garantir a estabilidade das estruturas, com simetrias nos revestimentos e com a organização do espaço em quadras, fileiras e numeração dos jazigos. Há também saberes ligados à tradição: formas e tamanhos de túmulos associados a crenças religiosas, símbolos gravados em lápides, padrões de cores e materiais que expressam valores estéticos e culturais de cada comunidade.

Pensar a etnomatemática nos cemitérios, como na imagem em que se vê a construção de novos jazigos, é reconhecer que ali se mobilizam conhecimentos matemáticos aprendidos muitas vezes pela experiência que passa de pai para filho, pelo ofício e pela convivência com outros trabalhadores. Esse olhar permite transformar o cemitério em espaço educativo, pois os estudantes podem observar medidas, alinhamentos, formas geométricas, contagem e organização dos túmulos, relacionando esses elementos à história local, às práticas de luto e às condições de trabalho. Dessa forma, o cemitério deixa de ser apenas lugar de morte e passa a ser um ambiente de memória, cultura e produção de saberes matemáticos vivos.

Figura 19 – Formas e medidas de Jazigos - Cemitério Jardim da Paz – Florianópolis – SC.



**Fonte:** [www.cemiterioparquejardimdapaz.com.br/jazigos](http://www.cemiterioparquejardimdapaz.com.br/jazigos) (2025).

A imagem representa o desenho técnico de um túmulo em forma de bloco retangular, com medidas claramente indicadas (90 cm, 65 cm, 2,25 m; placa  $60 \times 40 \times 3$  cm). Esse tipo de representação aproxima o trabalho no cemitério da matemática escolar, pois obriga quem projeta e constrói o túmulo a ler e interpretar medidas, reconhecer formas geométricas (paralelepípedo, retângulos) e relacionar desenho bidimensional com objeto tridimensional.

Para transformar o desenho em túmulo concreto, o profissional precisa mobilizar noções de grandezas e medidas: calcular comprimentos, larguras e alturas, conferir se o espaço do jazigo comporta o bloco, e verificar se a placa de identificação terá proporções adequadas à superfície disponível. Também entram em jogo cálculos de área (por exemplo, da cobertura superior) e de volume (para estimar quantidade de concreto ou mármore), além de conversões de unidades, arredondamentos e uso de instrumentos de medida na obra.

Assim, a construção do túmulo torna-se um exemplo vivo de matemática situada socialmente: não se trata de “fazer contas por fazer”, mas de usar conceitos geométricos e métricos para resolver problemas reais, garantindo funcionalidade, segurança, estética e respeito aos rituais funerários de uma comunidade.

Por outro lado, para uma melhor visualização dos problemas identificados com o uso da Matemática de modo não sistemático, elencou-se imagens por meio das visitas *in loco* realizadas no Cemitério São João Batista em Imperatriz, Ma. Dentre elas, temos a falta de padronização espacial que resulta em corredores estreitos e intransitáveis, agravando a circulação de visitantes e manutenção de toda ordem. Essa irregularidade reflete falhas na concepção inicial, comum em cemitérios históricos sem prévio planejamento e otimização geométrica. Tal configuração não apenas dificulta o acesso, mas também compromete a segurança e a preservação patrimonial.

Figura 20 – Espaço entre túmulos no Cemitério São João Batista, Imperatriz-MA.



Fonte: Autoria própria (2025).

A figura acima (nº 20) vem ilustrar esse espaço minimizado, no qual cabe mal uma pessoa entre eles, dificultando coisas básicas como a manutenção regular dos túmulos, denunciando a ausência ou falta de preocupação matemática em medir as “ruas” entre as covas.

**Figura 21** – Túmulo na entrada do Cemitério São João Batista, Imperatriz-MA



Fonte: Autoria própria (2025).

A figura acima (nº21) evidencia a falta de padronização entre os túmulos, iniciando já na entrada, onde materiais de reforma disputam espaço com sepulturas, comprometendo a estética geral do cemitério. Essa desorganização espacial impede a criação de áreas iniciais adequadas para reflexão, como jardins, bancos ou capelas, que demandam planejamento geométrico preciso. A matemática, por meio da etnomatemática aplicada, permite otimizar o espaçamento usando proporções para distribuir túmulos uniformemente, harmonizando áreas e elevando a estética simbólica do local. Assim, cálculos de área, simetria e escalas transformam o caos em um espaço de convivência serena e identitária.

Com essa análise, o projeto que pode ser viabilizado por meio da questão-problema seria:

**Qual a contribuição da Matemática para a otimização do espaço cemiterial mediante a adoção de medidas padronizadas entre túmulos?**

Dentro de um contexto interdisciplinaridade é viável trabalharmos dois componentes curriculares, matemática e arte, no qual o questionamento seria acerca da estética que pode ser melhorada com a aplicação de cálculos para determinação dos espaços entre os túmulos e um melhor aproveitamento da área cemiterial, elemento que tanto é necessário para atender a sociedade, porém, encontra-se em desperdício e com o layout comprometido.

Abaixo, apresentam-se sugestões aprimoradas de conteúdos pedagógicos para o uso do cemitério como espaço de ensino de Matemática no Ensino Fundamental e Médio, estruturadas de forma clara e funcional:

**A- Geometria Aplicada**

- Identificar figuras planas e espaciais, classificando-a como: retângulos, quadrados, triângulos, círculos, esferas, pirâmides, prismas, cilindros e outros;
- Calcular áreas e volumes dos jazigos ou mausoléus, aplicando as fórmulas de geometria.

**B - Estatística e Análise Histórico-Demográfica**

- Quantificar padrões de mortalidade e materiais como indicadores de classe e época, registrando datas de nascimento/falecimento em planilhas para calcular idade média, moda e mediana por década;
- Classificar materiais (mármore, granito, cimento) em tabelas e gráficos de barras/setores, correlacionando com localização espacial.

### **C - Etnomatemática e Saberes Práticos Locais**

- Resgatar matemática funcional de coveiros e marmoreiros;
- Medir quantidades de materiais para túmulos e estimar custos;
- Aplicar questionários semiestruturados a trabalhadores do cemitério para registrar proporções empíricas, frações e estimativas usadas em reformas.

#### **3.2 O Cemitério como Testemunha da História.**

Os cemitérios são testemunhas da história, pois eles guardam, de forma silenciosa, muitas evidências e memórias do passado de uma sociedade, bem como, revelam mudanças de várias ordens, mas principalmente nos rituais funerários ao longo do tempo. Tradicionalmente associados à morte e ao luto, transcendem a dimensão meramente mórbida quando são reconhecidos como verdadeiros espaços de educação patrimonial e histórica viva. Esses territórios configuram-se como memoriais dinâmicos, onde o passado convergente se materializa em narrativas visíveis, capazes de conectar presentes e futuros em um contínuo processo de ressignificação cultural.

Ademais, a visita e o estudo do cemitério promovem o contato direto com elementos que representam a memória coletiva, túmulos, epitáfios, esculturas, e a própria disposição espacial servindo como documentos tangíveis da história local e regional. Para Ribeiro (2018, p.27) "Cemitérios e museus se assemelham por serem construções sociais, lugares fundamentais na construção de memórias e narrativas que entrelaçam o tempo-espaço das sociedades que os originou". Nesse sentido, o cemitério assume a função de um ambiente educacional não formal, abrindo possibilidades para a construção de aprendizagens multidisciplinares que envolvem História, Arte, Sociologia e Antropologia. Mais do que simples locais de repouso, esses espaços instigam a reflexão sobre as práticas sociais, as trajetórias de vida e as percepções culturais acerca da morte, oferecendo uma experiência educativa que extrapola fronteiras educacionais padronizadas.

Por meio de visitas mediadas, intervenções culturais, ou projetos educativos, amplia a percepção do sujeito acerca da importância da preservação histórica e do respeito à memória dos que vieram antes. Este processo, portanto, transforma o cemitério em uma escola aberta de história viva, onde as histórias pessoais e coletivas se entrelaçam a partir de abordagens interativas, sensíveis e críticas.

Assim, o reconhecimento do cemitério como um espaço de educação patrimonial configura-se como uma estratégia fundamental para a valorização da memória histórica, propiciando não apenas a autoafirmação de identidades sociais, mas também o aprimoramento de práticas pedagógicas que dialoguem com as complexidades da cultura e das experiências humanas que são testemunhadas de evoluções de várias ordens, inclusive, nomes pessoais e seu desuso ao longo do tempo.

Segundo a plataforma Nomes no Brasil, do IBGE, com dados atualizados pelo Censo de 2022, nomes como Eustáquio, Hermenegilda, Ambrósio e Gertrudes apresentam, hoje em dia, incidência baixíssima em registros após os anos 2000..Na década de 1930, nomes como esses eram comuns no Brasil, refletindo tradições católicas e rurais, porém não encontrado com muita facilidade atualmente, isso ocorre devido mudanças culturais, influências midiáticas e tendências sociais. Fatores como urbanização e TV aceleraram seu declínio, tornando-os quase inexistentes em registros recentes. Para melhor ilustrar, segue imagens de algumas placas abaixo:

Figura 22 – Placa de túmulo do início do século XX no Cemitério São João Batista, Imperatriz, Ma.



Fonte: Autoria própria (2025).

Diante disso, propõe-se a periodização histórica das placas nominais para mapear como gerações sucessivas influenciam modas onomásticas, revelando a evolução de épocas e acontecimentos sociais que reconfiguram preferências, extinguem nomes tradicionais e promovem novos. Outrossim, incentiva-se a pesquisa pelos estudantes sobre a etimologia e significado de seus próprios nomes e sobrenomes, bem como sua relevância sociocultural, promovendo uma reflexão crítica sobre identidade e memória coletiva no contexto cemiterial.

**Figura 23** – Placas de túmulos com nomes comuns do início do século XX no Cemitério São João Batista, Imperatriz, Ma.



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 24 – Placas de túmulos com nomes comuns do início do século XX, no Cemitério São João Batista em Imperatriz, Ma.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Os cemitérios funcionam como espelhos das desigualdades sociais, reproduzindo hierarquias de classe por meio de diferenças materiais e espaciais nos túmulos. Essa distinção reflete não apenas o poder econômico em vida, mas também valores simbólicos de status e memória coletiva.

Para Marx e Engels,

A História de todas as sociedades até aqui existentes é a História da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, burguês e proletário, em uma palavra, opressor e oprimido, estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora aberta, ora velada, uma luta que sempre terminou ou com a transformação revolucionária de toda a sociedade, ou com o colapso comum das classes em luta (Marx; Engels, 2010, p.5).

Essa perspectiva espacial revela que os túmulos das elites ocupam o centro dos cemitérios, com mausoléus grandiosos de famílias tradicionais que frequentemente inspiram a nomenclatura de ruas urbanas. Na periferia, abrigam-se sepulturas simples de pessoas vulneráveis economicamente e indigentes, com covas rotativas e menor manutenção decorrente da escassez de recursos familiares. As classes altas empregam materiais nobres como mármore, granito e esculturas elaboradas, simbolizando a continuidade familiar e o status perene; já as classes baixas recorrem a materiais precários ou valas comuns, desprovidas de personalização, o que evidencia a reprodução da estratificação social no espaço cemiterial.

Figura 25 – Túmulo em mármore com cruz em granito negro no Cemitério São João Batista em Imperatriz, Ma



Fonte: Autoria Própria (2025).

Figura 26 – Sepultura simples identificada por pedra e flores brancas de plástico no Cemitério São João Batista – Imperatriz, Ma.



Fonte: Autoria Própria (2025).

Ademais, os cemitérios atuam como arquivos vivos de memória coletiva, preservando a História das pessoas que edificaram uma cidade por meio do registro de nomes, datas, profissões e símbolos associados a fundadores, líderes e famílias pioneiras. No contexto de Imperatriz (MA), essas famílias pioneiras desempenharam papel crucial ao estabelecerem as bases econômicas, sociais e culturais para o desenvolvimento urbano inicial, doando terras para a formação de núcleos urbanos, igrejas e praças, o que definiu traçados viários e promoveu processos de centralização que atraíram populações subsequentes. Elas atuaram como líderes em agricultura, comércio e associativismo, fomentando redes de parentesco que geraram

estabilidade comunitária e identidade cultural duradoura. Seus registros em cemitérios perpetuam genealogias, permitindo análises sobre migrações e contribuições que moldam a História local, transformando esses espaços em fontes primárias para estudos historiográficos.

A família representada pela imagem abaixo, tem alguns dos seus entes no cemitério São João Batista, cuja geração foi muito importante para a cidade de Imperatriz, MA, pois desempenharam papel fundamental na edificação dessa cidade, com Coriolano de Sousa Milhomem à frente como intendente de 1º de janeiro de 1913 a 16 de junho de 1914, além de vereador em dois mandatos (iniciados em 1º de janeiro de 1910 e 1923).

Figura 27 – Avenida no Centro de Imperatriz-MA, em homenagem a Coriolano Milhomem.



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Imperatriz-MA (2021)

Gumercindo Milhomem, seu filho, sucedeu-o como primeiro prefeito de Imperatriz após sua elevação à categoria de cidade, coincidindo com o segundo mandato paterno. Mais recentemente, Coriolano Milhomem Neto (falecido em 2024), farmacêutico e proprietário da tradicional Farmácia Ziroca, representou a continuidade dessa linhagem influente na esfera política e econômica local.

Figura 28 – Lápide de famílias tradicionais inumados no Cemitério São João Batista em Imperatriz-M



Fonte: Autora própria (2025).

Outro grupo pioneiro foi o dos Herênios, cujos membros atuaram como datilógrafos, secretários e pescadores, com destaque para Raimunda Herênio Álvares Pereira, que, ao lado de Conrado José de Souza, fundou essa linhagem familiar. Dentre seus descendentes, José Herênio de Sousa destacou-se como historiador, aviador, escritor e advogado, contribuindo significativamente para a memória local ao estabelecer, por meio de suas pesquisas, o marco zero da cidade.

[...] a Praça da Meteorologia, na confluência das avenidas XV de Novembro e Santa Teresa [é] o ponto exato da fundação de Imperatriz pelo Frei Manoel Procópio, em 16 de julho de 1852. Neste local onde Frei Manoel Procópio, com sua população deu início à povoação de Santa Teresa, tornando-se cidade mais tarde. Portanto, a construção de um monumento, que se denominaria Marco Zero, faz daquele local um dos principais pontos de visitação da cidade, tanto do ponto de vista histórico,

como de memória e cultural. (Souza, 1970 *apud* Prefeitura de Imperatriz, 2025, online)<sup>31</sup>.

Figura 29 – Praça da Meteorologia - Marco Zero de Imperatriz-MA



Fonte: Prefeitura Municipal de Imperatriz-MA (2021).

Para atender ao esporte, pertence à cidade de Imperatriz, MA, um estádio com capacidade para 10 (dez) mil pessoas, um dos maiores do interior do Maranhão, adequação aos padrões da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e nomeado em homenagem ao frei Giuseppe Gino Taioli,(1916-1983) mais conhecido como Frei Epifânio, que adotou o nome D'Abadia em referência à cidade Badia, na Itália, onde nasceu. Não se trata de uma família tradicional, mas sim de um religioso fortemente associado ao desenvolvimento social e esportivo local.

Frei Epifânio era entusiasta do futebol, tendo iniciado jogando de batina pelas ruas e campos de várzea de Imperatriz, até obter autorização da Igreja para utilizar calção e chuteiras em partidas oficiais. Faleceu em 8 de fevereiro de 1983, após mais de três décadas dedicadas à missão local; em setembro de 2024, seus restos mortais foram trasladados para um jazigo na Igreja

---

<sup>31</sup> <https://www.imperatriz.ma.gov.br/>

São Francisco de Assis, em Imperatriz, com participação de jogadores e torcedores do “Cavalo de Aço”, time local, em reconhecimento ao seu impacto no futebol e na comunidade.

Figura 30 – Estádio Frei Epifânio D’Abadia em Imperatriz, Ma.



Fonte: Prefeitura Municipal de Imperatriz-MA (2019).

Esses exemplos ilustram a relevância de famílias proeminentes e religiosos na formação urbana e simbólica de Imperatriz, a exemplo do fundador Manuel Procópio do Coração de Maria (1814-1886), que, em 1852, vindo do Pará, ergueu a primeira igreja — circundada posteriormente por casas —, consolidando o cemitério local como espaço de memória coletiva.

Trata-se, contudo, de menções periféricas, inseridas para demonstrar a amplitude do fenômeno analisado, sem aprofundamento detalhado nesta dissertação. A historiografia local, a partir daqueles que jazem no primeiro cemitério da cidade, pode ser explorada por meio de projetos pedagógicos planejados por docentes, com o intuito de preservar memórias e alinhar-se aos objetivos específicos desta pesquisa sobre mentalidades históricas e patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que denuncia o descaso com essa fonte primordial — como no caso de Gumercindo Milhomem, (1901-1971), já mencionado, cujo túmulo, sem identificação, foi descrito por um coveiro com mais de três décadas de atuação no local como um sepulcro branco próximo ao pé de jatobá. Assim, revela-se uma situação de abandono que não só clama por

denúncia, mas exige ações concretas de restauração e preservação, sendo totalmente propício para o advento de projetos interdisciplinares junto a essa demanda.

Abaixo, apresentam-se sugestões aprimoradas de conteúdos pedagógicos para o uso do cemitério como espaço de ensino de História no Ensino Fundamental e Médio:

#### **A- Interpretação das sepulturas e monumentos**

- Mapear hierarquias sociais pela organização espacial e arquitetônica;
- Observar o estilo dos túmulos, buscando uma reflexão a partir do tipo de sepultura, bem como, sua ornamentação e simbologia e como elas refletem as classes sociais e grupos da sociedade.

#### **B - Histórias Pessoais**

- Reconstruir trajetórias dos fundadores da cidade;
- Pesquisar as biografias de diversos representantes da sociedade e destacar suas contribuições à comunidade ou à História local.

#### **C- Onomástica Cemiterial**

- Analisar modas nominiais como espelho de época, etnia e classe, observando a frequência de nomes por década, bem como extinções nominiais ao longo do tempo;
- Registrar sobrenomes étnicos (italianos como Badia, Epifânio);
- Construir árvore genealógica coletiva cruzando lápides com arquivos municipais;

Diante ao exposto, apesar de olharmos os cemitérios de maneira tradicional, vistos como locais de luto e despedida, buscamos com esse estudo, fazer com que ele venha a emergir como espaços pedagógicos ricos e multifacetados, mostrando que os cemitérios têm um papel pedagógico, destacando sua importância na formação de identidade, valores e na promoção de um aprendizado significativo em diversos componentes curriculares do ensino regular.

Ademais, esse espaço pode ser implementado com atividades práticas pedagógicas, como visitas guiadas e debates no próprio cemitério para estimular a curiosidade dos estudantes e promover um aprendizado ativo. Os discentes são incentivados a formular perguntas e buscar

respostas sobre temas que muitas vezes são considerados tabus<sup>32</sup> em nossa sociedade ocidental, portanto propomos no início desse trabalho refinar a visão historiográfica e antropológica para uma perspectiva pedagógica

### 3.3 A arte como última homenagem

A arte tumular pode ser compreendida como manifestação da capacidade criativa humana que perdura além da morte, materializando-se em esculturas, arquitetura e simbolismos funerários. Esses elementos expressam a cosmovisão, as crenças religiosas e o status social dos falecidos, bem como os sentimentos dos sobreviventes em relação aos que partiram.

Para que uma instituição destinada a atender fins precisos, indicados por vontades individuais, possa impor-se a todo um povo, é necessário que ela seja sustentada pelas tendências profundas da consciência coletiva; reciprocamente, para que uma crença vaga se concretize em rito regular, não é indiferente que vontades conscientes auxiliem sua formalização (BLOCH, 1993, p. 87).

Nesse contexto, a história das mentalidades, aplicada aos cemitérios, interpreta a arte tumular como espelho do imaginário social, símbolos revelam estruturas coletivas de percepção acerca da morte e da eternidade. Nas diversas visitas pelos cemitérios, dentre tantos símbolos que podem ser encontrados, encontra-se com abundância a cruz, que representa a interseção entre o divino e o humano no Ocidente cristão, carregando significados profundos de sofrimento, redenção e vitória sobre a morte.

No Império Romano, a cruz era um instrumento de execução cruel reservado à pessoas escravizadas e criminosos, simbolizando humilhação e morte. Com a crucificação de Jesus Cristo, narrada nos Evangelhos, ela ganhou nova dimensão no cristianismo, inicialmente evitada por sua conotação de vergonha, passou a ser adotada após Constantino, o Grande (272-337 d.C.), imperador romano no século IV, como emblema de fé.

Segundo o site criado em 2002, Cruz Nova da Igreja Católica<sup>33</sup>, a cruz evoca a união entre o eixo vertical (relação com Deus e o transcendente) e o horizontal (vida humana e relações interpessoais), representando sacrifício voluntário e identificação com Cristo. Para os cristãos, ela inspira resiliência diante dos sofrimentos cotidianos, simbolizando a expiação dos

---

<sup>32</sup> Refere-se a uma proibição, interdição ou aversão socialmente construída em relação a um determinado comportamento, objeto, pessoa ou assunto. Esses temas são considerados inaceitáveis, ofensivos ou até sagrados por um grupo social, e discuti-los ou praticá-los pode gerar consequências negativas, como a exclusão social.

<sup>33</sup> [www.cancaonova.com.br](http://www.cancaonova.com.br)

pecados e a graça da redenção conquistada pela paixão de Jesus. De símbolo de derrota ao de triunfo pela ressurreição, a cruz aponta para a vitória sobre a morte, como visto em tradições onde é colocada em sepulturas para proteger a alma. Na arte bizantina e ocidental medieval, imagens de Cristo crucificado reforçam o mistério da Encarnação e a esperança na vida eterna.

Figura 31 – Sepultura com cruz de pedra e a face de Jesus Cristo no Cemitério São João Batista em Imperatriz, Ma



**Fonte:** Natal das antigas (2021).

Para melhor ilustrar a presença da arte nos cemitérios, apresentam-se a seguir imagens de monumentos, esculturas, símbolos e iconografias em diversos espaços cemiteriais – alguns amplamente difundidos, como a cruz, outros menos comuns, acompanhados de seus significados em diferentes culturas e religiões.

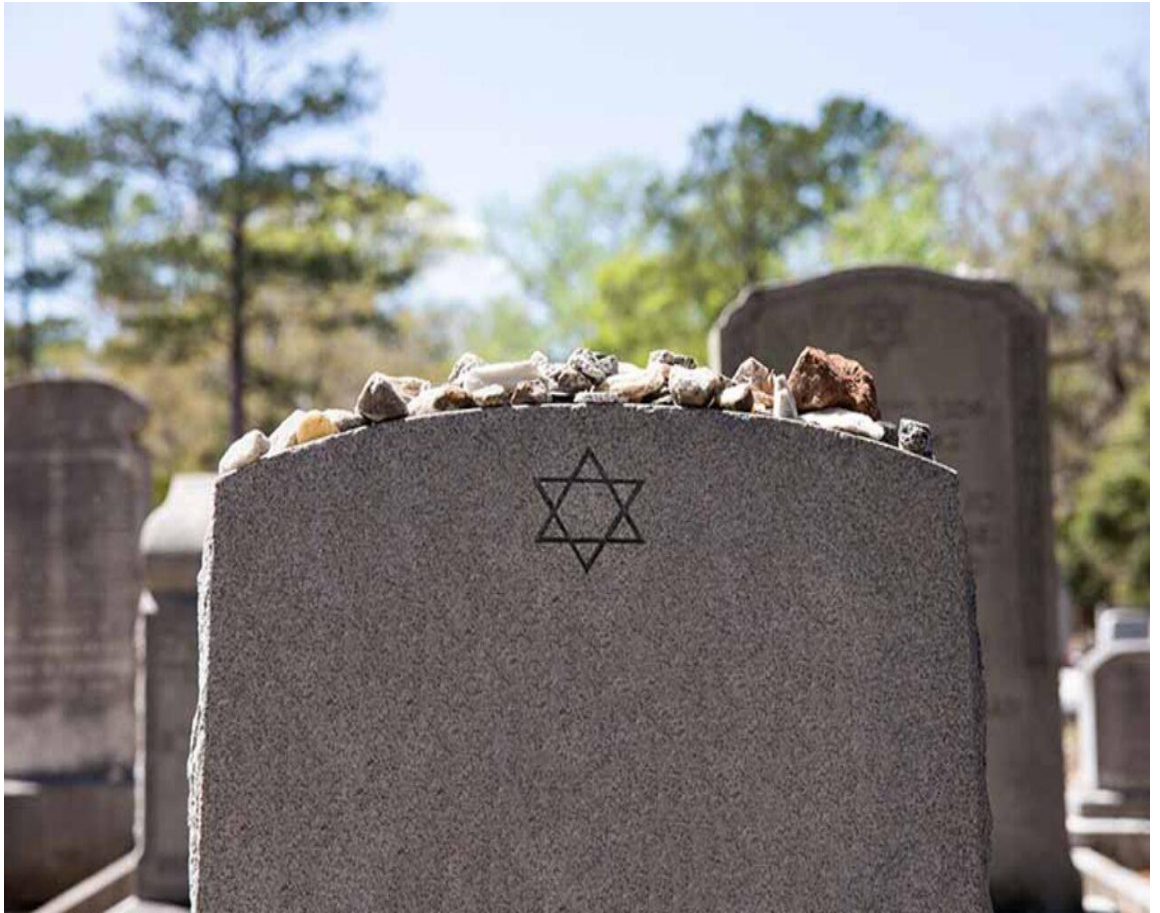
Figura 32 – Simbologia maçônica no Cemitério dos Prazeres (Lisboa, Portugal).



**Fonte:** Freemason (2022).

Os símbolos maçônicos identificam túmulos de maçons e incluem o Compasso e Esquadro (o mais conhecido), a letra "G", o Avental, a Acácia, Colunas com Romãs, a Ampulheta, e até apertos de mão gravados, todos representando a passagem para o descanso eterno, a imortalidade da alma e os princípios da fraternidade e busca pela virtude.

Figura 33 – Túmulo judeu com estrela de Davi em Cemitério do Rio de Janeiro - RJ



Fonte: Cemitério do Rio de Janeiro – RJ (2018).

Segundo o portal **Chabad.org** (2024) a Estrela de Davi é central do judaísmo, representando proteção, fé e a conexão entre Deus (um triângulo apontando para cima) e o povo judeu (um triângulo apontando para baixo), unindo o espiritual e o material, o céu e a terra, e se tornou um ícone de identidade e orgulho judaico, especialmente visível em sinagogas. Parte dos rituais fúnebres do judaísmo, depois de um ano, pedras são colocadas sobre o sepulcro, com várias interpretações do porquê disso. Esse gesto, segundo ensinamento comum, assegura que os mortos não serão esquecidos e a sepultura não será profanada.

Figura 34 – Lápide com imagem de portões abertos [s.l/].



**Fonte:** Site Fatos desconhecidos (2015).

Segundo o dicionário de símbolos<sup>34</sup>, portões abertos em lápides sinalizam a entrada no paraíso, retratando a morte como transição para a vida eterna, enquanto rosas, associadas à condição feminina, variam em significado conforme cor e estado: a branca evoca paz e inocência; a vermelha indica amor perdurável e luto; a quebrada expressa fragilidade vital ou coração partido; a seca sugere falecimento em idade avançada; a em botão indica morte na juventude, todas remetendo à transitoriedade da existência. O livro aberto denota abertura a Deus, seja como legado de cientista ou como expressão de devoção bíblica; a caveira com asas transforma o macabro em ascensão espiritual; a árvore cortada marca vidas prematuras, ecoando o *memento mori* naturalista; e a ampulheta alada alerta para o tempo fugaz, celebrando sua plena utilização, mesmo que breve.

---

<sup>34</sup> [www.dicionariodesimbolos.com.br](http://www.dicionariodesimbolos.com.br)

S

Figura 35 – Lápide com a imagem de uma rosa quebrada em túmulo de mármore no Cemitério Mount Olivet - Canadá



**Fonte:** Reddit (2025).

Em seguida há outras imagens como o aperto de mãos que indica a sobrevivência de um cônjuge, simbolizando laços conjugais que se estendem para além da morte. O feixe de trigo colhido representa a vida ceifada no tempo devido, evocando ciclos agrícolas e a ideia de redenção bíblica. A pomba remete à morte de uma mulher jovem, associando pureza e alma em voo para o além. O carneiro sugere a morte infantil e a inocência sacrificial e as tochas invertidas afirmam a persistência do fogo da alma após a morte corpórea, articulando a imagem de uma luz eterna que atravessa o luto terreno.

Figura 36 – Lápide com imagem de um livro aberto em granito [s.l]



**Fonte:** Instagram @zarth.marmoraria (2024).

Figura 37 – Túmulo com imagem de caveira com asas.



**Fonte:** Fotos desconhecidas (2015)

Figura 38 – Escultura Tumular de uma Árvore cortada em Martin's Creek Cemetery, localizado, no estado da Pensilvânia, EUA.



Fonte: Reddit (2024)

Figura 39 – Ampulheta com asas em Granary Burying Ground (Boston, EUA)



Fonte: Estação Cronográfica. (2015).

Figura 40 – Lápide com a imagem de um aperto de mãos no Cemitério de Madronia, em Saratoga, Califórnia, EUA.



Fonte: Mdig (2024).

Figura 41 – Lápide com imagem de um feixe de Trigo em Oxford Cemetery, Iowa, nos Estados Unidos.



Fonte: Megacurioso (2024).

Figura 42 – Escultura de uma pomba em um mausoléu no Cemitério de Forest Hills em Boston - EUA



Fonte: Stock (2024).

**Figura 43** – Escultura de mármore de um carneiro em um túmulo em Oak Hill Cemetery, em Washington, D.C., nos Estados Unidos.



Fonte: Instagram @artetumular (2024).

Figura 44 – Túmulo com esculturas de tochas invertidas em Saint Louis Cemetery New Orleans - EUA



**Fonte:** Instagram. @tumulosfamosos (2024).

Na Umbanda, o conjunto de elementos é geralmente compreendido como uma oferenda ou um trabalho realizado para entidades ou orixás, que pode estar ligado à proteção, agradecimento ou elevação espiritual de alguém, inclusive em contexto de luto ou de morte. As velas de oferenda são acesas para os orixás, podendo ser brancas ou coloridas. As flores e alimentos dispostos em pratos ou travessas são chamados de oferendas ou comidas de santo, preparadas de acordo com cada orixá ou guia espiritual.

Figura 45 – Oferenda com bebidas e velas de cores pretas e vermelhas no Cemitério do Bonfim – Belo Horizonte- MG.



**Fonte:** Arquivo pessoal da Prof<sup>a</sup> Dra. Marcelina das Graças Almeida ( (2026).

O estudo dos símbolos sepulcrais constitui ferramenta fundamental para a compreensão das sociedades pretéritas, funcionando como elo entre o material e o imaterial, o concreto e o simbólico. Esses elementos iconográficos, inscritos em lápides, esculturas e ornamentos, traduzem um repertório de valores, crenças e representações acerca da morte, do além-vida e da memória individual e coletiva. Sua análise, articulada à história das mentalidades e ao estudo do imaginário, permite apreendê-los não como meros adornos estéticos, mas como manifestações densas de sentidos culturais e ideológicos, revelando os universos mentais que moldaram as práticas fúnebres.

Os símbolos funerários operam como veículos de comunicação entre vivos e mortos, expressando ideias sobre identidade, religiosidade e expectativas *post-mortem*. Sob a perspectiva da iconografia, decodificam-se mensagens subliminares e explícitas, contextualizadas historicamente e culturalmente, pois signos como anjos, cruzes, caveiras e flores carregam múltiplas interpretações, moduladas pelo tempo, região ou grupo social.

Integrar essa análise à história das mentalidades aprofunda a compreensão das representações coletivas, atitudes e sentimentos.

Assim, os símbolos revelam-se reflexos de imaginários compartilhados que informam sobre a percepção do sagrado, o destino da alma e a relação com a finitude. Eles transcendem o ornamental, configurando-se como textos visuais e documentos privilegiados para o historiador das mentalidades. Associar iconografia e imaginário social desvela dinâmicas simbólicas que atravessam o morrer e o recordar, evidenciando que, por trás de cada imagem, subjazem fatos, crenças e raciocínios de um povo.

A seguir, apresentam-se sugestões aprimoradas de conteúdos pedagógicos para o uso do cemitério como espaço de ensino de Arte no Ensino Fundamental e Médio. Tais projetos, destinados a docentes, baseiam-se nos referenciais teóricos e nas potencialidades didáticas do espaço cemiterial, proposto, para esse componente curricular.

Essas propostas não se configuram como modelos rígidos, mas como inspirações flexíveis, adaptáveis ao contexto escolar, à realidade discente e às demandas comunitárias. Visam estimular curiosidade, pensamento crítico e valorização da memória local por meio de metodologias ativas, promovendo experiências significativas que articulem saberes escolares a vivências territoriais concretas. Assim, fomentam o protagonismo de discentes e docentes em projetos colaborativos, ressignificando o cemitério como laboratório vivo de aprendizagem interdisciplinar na Educação Básica.

Com isso, podemos entender a arte como uma revelação da capacidade de criação humana que o acompanha até depois da morte, pois as esculturas, arquitetura e simbolismos encontradas em túmulos, trazendo a cosmovisão, crenças, status social, expressam os sentimentos dos que ficaram sobre aquele que partiu. Dessa forma, o projeto que pode ser viabilizado por meio da questão-problema seria:

- **Em que medida os símbolos funerários e iconografias sepulcrais perpetuam a memória de laços afetivos além da morte, e de que podemos mapear essas narrativas para criar um "arquivo vivo" de memórias locais no cemitério?**

Abaixo, estão algumas sugestões de conteúdos de como se pode usar o cemitério para ensinar Arte:

#### **A- Monumentos e Esculturas**

- Estudar as artes encontradas nos cemitérios, como esculturas e obras em relevo, e sua função como tributos à memória dos falecidos.

#### **B- Símbolos e Iconografia**

- Analisar os símbolos presentes nas lápides (como anjos, cruzeiros, flores) e seu significado cultural e religioso ao longo da História.

#### **C- De ontem a hoje**

- Registrar cronológico de esculturas tumulares, comparando materiais e técnicas de épocas diferentes.

### 3.1 Projetos Interdisciplinares Tumulares: História, Matemática e Arte.

A educação na atualidade demanda abordagens interdisciplinares que transcendam os limites disciplinares tradicionais, promovendo aprendizagens significativas e contextualizadas no ensino fundamental e médio. Projetos pedagógicos que integram História, Matemática e Arte em espaços não convencionais, como cemitérios, emergem como estratégias inovadoras para transformar o ambiente funerário em laboratório vivo de conhecimento. Essa triangulação disciplinar não apenas cumpre diretrizes curriculares, mas também humaniza o aprendizado sobre finitude, memória coletiva e patrimônio cultural, quebrando estigmas e fomentando engajamento cívico.

Na História, esses projetos articulam a análise cronológica de monumentos tumulares, revelando narrativas sociais gravadas em pedra, desde estilos neoclássicos até modernistas, que refletem mudanças culturais e econômicas ao longo do tempo. A Matemática entra pela mensuração precisa de formas geométricas, proporções áureas, volumes e escalas presentes nas esculturas e lápides, desenvolvendo raciocínio quantitativo aplicado a contextos reais. Já a arte conduz à apreciação estética, identificação de simbolismos como anjos, urnas e flores, bem como seus significados e a capacidade de perpetuar aqueles que agora fazem.

Tais iniciativas promovem competências transversais como pesquisa de campo, colaboração interdisciplinar e expressão criativa, fortalecendo a retenção de conhecimentos por meio de experiências imersivas. Ao posicionar o cemitério como galeria ao ar livre, os projetos incentivam o respeito à diversidade histórica e artística, conectando passado e presente de forma reflexiva. Nesse contexto, apresentam-se a seguir sugestões de projetos interdisciplinares que operacionalizam essa integração, oferecendo roteiros práticos para implementação em sala de aula e posteriormente visitas guiadas.

3.2 – Sugestão de abordagem interdisciplinar de Matemática e Arte/ História e Arte/ Matemática e História, respectivamente no espaço cemiterial.

#### A-O ETERNO ELO DA MATEMÁTICA E A SIMETRIA.

- **Objetivo:** Explorar a simetria presente nas esculturas e monumentos tumulares de cemitérios como manifestação eterna da matemática na arte funerária, desenvolvendo nos alunos a capacidade de identificar, medir e analisar padrões simétricos em contextos.
- **Atividades:** Analisar fotos de monumentos tumulares, medindo ângulos e proporções com réguas para avaliar e criar gráficos de simetria.
- **Reflexão:** A simetria nas artes tumulares representa equilíbrio eterno da alma ou estética cultural passageira?

#### B-REFLEXÕES SOBRE MORTE, MEMÓRIA E SIMBOLOGIAS

- **Objetivo:** Reconstruir trajetórias de pioneiros e suas contribuições à edificação da cidade.
- **Atividade:** Levantar sobrenomes recorrentes nas lápides e cruzar com arquivos locais (jornais, cartórios), produzindo um quadro relacionando nomes e contribuições.
- **Reflexão:** Como o cemitério funciona como narrativas de mentalidades históricas?

#### C-OS NÚMEROS QUE REVELAM HISTÓRIAS

- **Objetivo:** Analisar a organização espacial e arquitetônica como reflexo de hierarquias sociais.
- **Atividade:** Mapear a divisão do cemitério (centro x periferia) e registrar materiais (mármore, granito, cimento) e dimensões dos túmulos, calculando proporções para discutir desigualdades.
- **Reflexão:** Como o espaçamento e a monumentalidade evidenciam estratificação social e poder simbólico?



## 4 PRODUTO DA PESQUISA

Neste capítulo, pretendemos apresentar o produto da pesquisa: sugestões de projetos pedagógicos destinados aos docentes, tendo como base os referenciais teóricos e as possibilidades didáticas anteriormente discutidas. Para cada uma das áreas exploradas – História, Matemática e Arte – serão propostos os objetos de estudo, alinhado às potencialidades educativas do espaço cemiterial.

É importante destacar que tais propostas não devem ser compreendidas como modelos prontos e fechados, mas como inspirações, pontos de partida para a construção de práticas pedagógicas inovadoras, sensíveis ao contexto escolar e à realidade dos discentes. A intenção é oferecer caminhos possíveis que possam ser adaptados, ampliados e ressignificados de acordo com as necessidades de cada turma, cada escola e cada comunidade.

Assim, os projetos aqui sugeridos visarão estimular a curiosidade, o pensamento crítico e a valorização da cultura e da memória local, por meio de uma abordagem interdisciplinar e investigativa. Mais do que conteúdos, buscam-se experiências significativas de aprendizagem que articulem saberes escolares com vivências concretas no território em que os estudantes estão inseridos, permitindo que professores e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento possam promover a reflexão para desenvolver um ensino colaborativo e significativo na Educação Básica

Nessa perspectiva, os projetos interdisciplinares que articulam História, Matemática e Arte, fundamentados em metodologias ativas, convergem para a promoção da aprendizagem significativa e do protagonismo estudantil. Tais projetos deverão ser disponibilizados e gerenciados via *Google Classroom*, plataforma que otimiza a interação e o fluxo pedagógico, bem como no portal Escola Digital (MEC), que atua como repositório de recursos educacionais, fomentando a autonomia de discentes e docentes na construção coletiva do conhecimento em ambientes virtuais.

### 4.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

Para garantir uma análise abrangente e organizada dos aspectos relevantes do projeto a ser elaborado, apresentamos o quadro a seguir, que sistematiza os principais itens a serem avaliados, com o objetivo de auxiliar na visualização clara e estruturada dos elementos

essenciais. Cada coluna tem descrito o critério e indicador, proporcionando um suporte prático para o trabalho analítico.

Quadro 4 – Descrição do Projeto

<b>TEMA</b>	<b>TURMA</b>	<b>COMPONENTES CURRIULARES</b>	<b>SITUAÇÃO PROBLEMA</b>
O ETERNO ELO DA MATEMÁTICA E A SIMETRIA.	7º ANO-EF	MATEMÁTICA E ARTE	Qual a relação entre a geometria e a simetria, utilizada para ideia de equilíbrio e perfeição, características que podem ser associadas à esperança de uma vida eterna estável?
<b>TEMA</b>	<b>TURMA</b>	<b>COMPONENTES CURRIULARES</b>	<b>SITUAÇÃO PROBLEMA</b>
REFLEXÕES SOBRE MORTE, MEMÓRIA E SIMBOLOGIAS	9º ANO - EF	HISTÓRIA E ARTE.	Todos têm o direito à memória? Como a arte ajuda a expressar sentimentos difíceis como os símbolos funerários e iconografias podem “eternizar” uma pessoa?
<b>TEMA</b>	<b>TURMA</b>	<b>COMPONENTES CURRIULARES</b>	<b>SITUAÇÃO PROBLEMA</b>

OS NÚMEROS QUE REVELAM HISTÓRIAS.	2ª SÉRIE - EM	MATEMÁTICA E HISTÓRIA.	A estatística pode revelar e interpretar eventos históricos por meio dos picos de falecimentos?
-----------------------------------	---------------	------------------------	---

**Fonte:** Produzido pela autora (2025).

#### 4.2 RELATÓRIO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR: Matemática e Arte

Para descrever a experiência e/ou os resultados do projeto interdisciplinar, faz-se importante um relatório, com o intuito de permitir aos participantes uma compreensão ampliada e crítica do que foi proposto e realizado por esse projeto, bem como, promover a integração curricular entre os componentes, nesse caso, Matemática e Arte. O tema escolhido: **O eterno elo da matemática e a simetria**, reflete a relevância de abordar a relação da simetria presente na Arte, mas que perpassa obrigatoriamente pela Matemática. Este documento, detalha as etapas do projeto, as estratégias utilizadas, os resultados alcançados e as reflexões decorrentes do processo interdisciplinar.

#### **Tema do Projeto: “O eterno elo da matemática e a simetria”**

---

##### **Discentes:**

(Nomes completos dos participantes)

##### **Período de Realização:**

(Data de início e fim do projeto)

##### **Docentes Responsáveis:**

(Nomes dos professores de Matemática e Arte)

##### **Escola:**

(Nome da instituição)

---

#### **1. Objetivos do Projeto**

##### **Gerais:**

- Compreender como o cemitério pode ser fonte de conhecimento matemático e estético.
- Desenvolver a capacidade de identificar as figuras geométricas e reconhecer a simetria nos túmulos, esculturas e símbolos que fazem parte da arte tumular.

##### **Específicos:**





- Medir os elementos (túmulos e símbolos).
  - Calcular as partes;
  - Compreender por meio dos números a simetria ou a falta dela.
-

## 2. Justificativa

Este projeto propõe uma abordagem interdisciplinar inovadora ao utilizar o espaço cemiterial como um ambiente de investigação. Ao identificar as figuras geométricas os estudantes exercitam habilidades matemáticas métricas, calculando as partes e reconhecendo a simetria.

## 3. Metodologia

### Etapas Realizadas:

1. **Aulas preparatórias sobre figuras geométricas e simetria.**
2. **Elaboração de uma ficha de coleta de dados para cada figura geométrica e símbolo medido e analisado.**
  -  Nome da figura geométrica ou símbolo;
  -  Medida da figura geométrica;
  -  Medida das partes após traçamento dividindo os elementos;
  -  Conclusão.
3. **Visita ao cemitério local;** (Nome e endereço)
4. **Nome do símbolo analisado;**
5. **Tabulação dos dados em planilhas;**
6. **Análise conjunta dos resultados sob as óticas da Matemática e da estética.**

## 4. Resultados Matemáticos

- **Número de túmulos analisados;** (eleger previamente a quantidade de túmulos a serem medidos)
- **Número de símbolos analisados;** (eleger previamente a quantidade de símbolos a serem medidos)
- **Medidas dos túmulos;** (Com fita métrica os túmulos deverão ser medidos)
- **Medidas dos símbolos;** (Com fita métrica os símbolos deverão ser medidos)
- **Medidas das partes** (Através da operação matemática divisão as metragens obtidas revelarão se há simetria ou não.

## 5. Análises Estéticas

- **Nome dos símbolos:** Nomear os diversos símbolos encontrados nos túmulos;
- **Simbologia:** Túmulos mais antigos apresentavam símbolos religiosos (cruzes e anjos), enquanto os mais modernos trazem menos ornamentação;
- **Análise simétrica:** verificação da igualdade e equilíbrio das partes do símbolo em questão.

## 6. Materiais utilizados

- Fita métrica;
- Papel;
- Lápis;
- Borracha;
- Régua;
- Prancheta.

## 6. Reflexões dos Estudantes

“Aprendi que o cemitério é um produto da matemática e que a geometria está presente em vários lugares”. [estudante]

“Foi interessante ver os significados dos símbolos e como a simetria transmite uma sensação de harmonia e equilíbrio” – [estudante]

(Coloque aqui reflexões escritas ou coletadas dos participantes).

---

### 7. Conclusão

Este projeto permitiu aos discentes desenvolverem competências em duas áreas do conhecimento, aplicando habilidades matemáticas em um contexto real e significativo, ao mesmo tempo em que ampliaram sua compreensão estética dos símbolos e túmulos, reconhecendo a simetria fazendo parte da arte tumular. O uso do cemitério como fonte de dados e memória revelou-se uma prática pedagógica rica, sensível e interdisciplinar.

---

### 8. Anexos (se houver)

- Ficha de coleta de dados preenchida
  - Planilhas com os dados
  - Fotos (respeitosas)
  - Materiais de divulgação da apresentação final
  - Planilhas com os dados
  - Gráficos produzidos
- 

## 4.3 RELATÓRIO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR: História e Arte

Para descrever a experiência e/ou os resultados do projeto interdisciplinar, faz-se importante um relatório, com o intuito de permitir aos participantes uma compreensão ampliada e crítica do que foi proposto e realizado por esse projeto, bem como, promover a integração curricular entre os componentes, nesse caso, História e Arte. O tema escolhido: **Reflexões sobre a morte, memórias e simbologias**, reflete a relevância de abordar a morte, seu simbolismo e as formas como as sociedades lidam com ela revelam muito sobre valores, crenças e práticas sociais, de maneira individual ou coletiva, contribuindo para o desenvolvimento de uma visão mais ampla sobre o ciclo da vida, os sentidos do sofrimento e da finitude. Este documento, detalha as etapas do projeto, as estratégias utilizadas, os resultados alcançados e as reflexões decorrentes do processo interdisciplinar.

**Título do Projeto: “Reflexões sobre a morte, memórias e simbologias”.**

---

**Discentes:**

(Nomes completos dos participantes)

**Período de Realização:**

(Data de início e fim do projeto)

**Docentes Responsáveis:**

(Nomes dos docentes de História e Arte)

**Escola:**

(Nome da instituição)

---

## 1. Objetivos do Projeto

### Gerais:

- Identificar o cemitério como um guardião da memória individual e coletiva de uma sociedade.
- Compreender que o cemitério é um elo físico dos entes queridos e daqueles que partiram, bem como os símbolos que codificam e comunicam aspectos da vida do falecido, suas crenças, status social, profissão e virtudes.

### Específicos:

- Identificar a distinção social e de poder através da arquitetura tumular;
- Levantar dados de pessoas que edificaram a cidade;
- Catalogar a Iconografia e a Simbologia em túmulos e jazigos;
- Decodificar a Iconografia e a Simbologia em túmulos e jazigos;

## 2. Justificativa

Este projeto propõe uma abordagem interdisciplinar ao utilizar o espaço cemiterial como um ambiente de investigação. Ao coletar e analisar dados sobre pessoas sepultadas, os estudantes exploram aspectos sociais, históricos e culturais da comunidade, refletindo sobre a memória, a morte e a identidade local.

## 3. Metodologia

### Etapas Realizadas:

**Aulas preparatórias** sobre História local, cultura da morte e arte tumular.

**Elaboração da ficha de coleta de dados** com campos como:

- Nome completo;
- Data de nascimento;
- Data de falecimento;
- Gênero (quando identificável);
- Profissão ou título (se houver);
- Símbolos ou inscrições relevantes.

**Visita ao cemitério local**, com coleta de dados em amostragem (ex: 50 túmulos).

**Tabulação dos dados** em planilhas e gráficos.

**Análise conjunta dos resultados** sob as óticas da História (biografias) e da Arte (iconografias);

**Produção deste relatório** e preparação da apresentação final.

## 4. Levantamentos Históricos

- **Número de túmulos analisados:** (ex: 50)
- **Ano do falecimento :**(ex: século e década)
- **Secularização dos Cemitérios;** (a gestão dos cemitérios seja pelo poder público ou privado).
- **Divisão Social;** (observação do tamanho, ornamentação e localização dos túmulos).

## 5. Análises Históricas

- **Padrões de mortalidade:** A análise de lápides pode revelar as principais causas de morte em diferentes períodos. Isso ajuda a entender o impacto de doenças, guerras, violência e epidemias na população.
- **História da cidade:** Os cemitérios contam a História de uma cidade, mostrando a biografia de seus habitantes, desde fundadores e figuras públicas até cidadãos comuns. O cemitério reflete a dinâmica social e urbana do local.

- **Genealogia:** Os cemitérios são valiosos para a pesquisa genealógica, permitindo a reconstrução de árvores familiares e o resgate da memória de ancestrais.
- **Identificação da democratização do cemitério:** Identificou-se túmulos pertencentes a católicos, evangélicos, ateus, umbandistas, maçons e outros.

#### 6. Levantamentos da Arte

- **Simbologia;**
- **Iconografia;**
- **Arquitetura tumular.**

#### 7. Análises da Arte

- Identificar os símbolos nos túmulos;
- Perceber que os túmulos mais antigos apresentavam símbolos religiosos (cruzes, anjos), enquanto os mais modernos trazem menos ornamentação;
- Estudar os significados dos símbolos usados nos túmulos.

---

#### 8. Reflexões dos discentes

“Aprendi que o cemitério guarda a História da cidade, através daqueles que edificaram a cidade e ali jazem” [Estudantes]

“Foi interessante ver como as mulheres viviam mais, mas tinham menos títulos nas lápides.” – [Estudante]

“Por muitos anos via os símbolos nos cemitérios, mas não sabia seus significados”. \_ [Estudante].

---

#### 9. Conclusão

Este projeto permitiu aos discentes desenvolverem competências em duas áreas do conhecimento, a História e a arte, ao reconhecer através das lápides as pessoas que edificaram a cidade e tem sua memória preservada naquele espaço, bem como a diferença nos túmulos em relação a classe social, ao sexo e crédulo religioso, ao mesmo que identificaram os símbolos e seus significados utilizados na arte tumular.

---

#### 10. Anexos (se houver)

- Ficha de coleta de dados preenchida

#### 4.4 RELATÓRIO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR: Matemática e História

Para descrever a experiência e/ou os resultados do projeto interdisciplinar, faz-se importante um relatório, com o intuito de permitir aos participantes uma compreensão ampliada e crítica do que foi proposto e realizado por esse projeto, bem como, promover a integração curricular entre os componentes, nesse caso, matemática e História. O tema escolhido: Os Números que revelam Histórias, reflete a relevância de abordar a relação da estatística com a História de maneira intrínseca e complementar, pois a estatística surgiu da necessidade humana de contar, registrar e analisar informações sobre populações, economias, acontecimentos sociais e as mortes ao longo do tempo. Este documento, detalha as etapas do projeto, as estratégias que podem ser utilizadas, os resultados que podem ser alcançados e as reflexões decorrentes do processo interdisciplinar.

**Título do Projeto:** “Os Números que revelam Histórias”

---

**Discentes:**

(Nomes completos dos participantes)

**Período de Realização:**

(Data de início e fim do projeto)

**Docentes Responsáveis:**

(Nomes dos docentes de História e Arte)

**Escola:**

(Nome da instituição)

---

**1. Objetivos do Projeto****Gerais:**

- Compreender como o cemitério pode ser fonte de conhecimento histórico e estatístico.
- Desenvolver a capacidade de análise crítica por meio da leitura de dados e fatos históricos.

**Específicos:**

- Levantar dados a partir das lápides de um cemitério local.
  - Calcular médias, modas, medianas e representar os dados graficamente.
  - Relacionar os dados coletados a acontecimentos históricos, padrões sociais e culturais.
- 

**2. Justificativa**

Este projeto propõe uma abordagem interdisciplinar inovadora ao utilizar o espaço cemiterial como um ambiente de investigação. Ao coletar e analisar dados sobre pessoas sepultadas, os estudantes exercitam habilidades matemáticas e, ao mesmo tempo, exploram aspectos sociais, históricos e culturais da comunidade, refletindo sobre a memória, a morte e a identidade local.

---

**3. Metodologia****Etapas Realizadas:**

**Aulas preparatórias** sobre História local, cultura da morte e estatística básica.

**Elaboração da ficha de coleta de dados** com campos como:

- Nome completo:
- Data de nascimento:
- Data de falecimento:
- Idade (calculada):
- Gênero (quando identificável):
- Profissão ou título (se houver):

**Visita ao cemitério local**, com coleta de dados em amostragem (ex: 50 túmulos).

**Tabulação dos dados** em planilhas e gráficos.

**Análise conjunta dos resultados** sob as óticas da Matemática e da História.

**Produção deste relatório** e preparação da apresentação final.

---

**4. Análises Históricas**

- **Períodos de maior mortalidade:** Foram identificados agrupamentos de mortes nas décadas de XXXX e XXXX, possivelmente relacionados às epidemias ou eventos históricos locais.
- **Diferença de idade entre gêneros:** Mulheres apresentaram média de vida superior à dos homens na amostra.

- **Títulos e profissões registrados:** Observou-se que apenas XX% das lápides registravam cargos ou profissões, geralmente associadas a homens da elite local.
- **Mudança nos nomes ao longo do tempo:** Nomes como “Joaquim”, “Antônia”, “Manoel” predominam nas lápides antigas, enquanto nomes mais modernos aparecem nos túmulos recentes.
- **Simbologia:** Túmulos mais antigos apresentavam símbolos religiosos (cruzes, anjos), enquanto os mais modernos trazem menos ornamentação.

### 5. Reflexões dos discentes

“Apreendi que o cemitério também guarda a História da cidade e que a matemática pode ser usada para entender isso.” – [estudante].

“Foi interessante ver como as mulheres viviam mais, mas tinham menos títulos nas lápides.” – [[estudante].]

“Percebi nomes que eram típicos de uma época e caíram em desuso ao longo do tempo, não sendo mais visto hoje”. [estudante].

(Coloque aqui reflexões escritas ou coletadas dos estudantes em aula ou por formulário.)

### 6. Conclusão

Este projeto permitiu aos discentes desenvolverem competências em duas áreas do conhecimento, aplicando habilidades matemáticas em um contexto real e significativo, ao mesmo tempo em que ampliaram sua compreensão histórica e social sobre a cidade e seus habitantes. O uso do cemitério como fonte de dados e memória revelou-se uma prática pedagógica rica, sensível e interdisciplinar.

### 7. Anexos (se houver)

- Ficha de coleta de dados preenchida
- Planilhas com os dados
- Gráficos produzidos
- Fotos (respeitosas)
- Materiais de divulgação da apresentação final

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo propor projetos pedagógicos em espaços cemiteriais voltados para o ensino de História, Matemática e Arte, dialogando com a interdisciplinaridade a partir de práticas em ambientes não formais — neste caso, o cemitério — compreendido como um espaço de múltiplos aprendizados. Buscou-se, assim, responder à seguinte problemática: **quais possibilidades de ensino podem ser exploradas por meio de projetos pedagógicos que articulem diferentes áreas do conhecimento, utilizando o espaço cemiterial como ambiente não formal de aprendizagem?**

Para alcançar tal objetivo, realizamos um levantamento de estudos já desenvolvidos sobre o tema, bem como identificamos lacunas existentes na literatura. A abordagem metodológica adotada foi **qualitativa**, e o método de pesquisa, **bibliográfico**, fundamentado em fontes diversas, como artigos científicos, dissertações, teses, vídeos, estatísticas demográficas, fotografias e outros materiais relevantes. Essa metodologia possibilitou uma análise sistemática e interpretativa do material selecionado, de modo a compreender as dimensões históricas, sociais e culturais associadas ao uso pedagógico dos espaços cemiteriais.

Ao final das leituras e análises, elaboramos uma reflexão teórica sobre o potencial educativo dos cemitérios, propondo uma aproximação entre esse espaço e as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Evidenciamos que os cemitérios, enquanto **espaços não formais de aprendizagem**, podem oferecer experiências de ensino que ultrapassam os limites físicos da escola e estimulam a construção de saberes interdisciplinares, críticos e significativos. Para isso, abordamos o espaço cemiterial sob uma perspectiva historiográfica, reconhecendo a multiplicidade de elementos presentes nesse ambiente e seu potencial para a elaboração de **projetos pedagógicos interdisciplinares**.

A análise das fontes indicou uma escassez generalizada de projetos pedagógicos no ensino fundamental e médio, especialmente no que tange ao uso de espaços não convencionais como os cemitérios. Esta constatação ganha contornos empíricos ao ser contrastada com nossa **experiência de duas décadas e meia em sala de aula na cidade de Imperatriz (MA)**. Através da atuação nas esferas **pública (municipal, estadual e federal) e particular**, observamos que os desafios para a efetivação dessas práticas perpassam pela ausência de espaços de planejamento comum e por uma formação acadêmica que ainda pouco dialoga com a interdisciplinaridade, dificultando a superação da resistência cultural necessária para integrar o patrimônio cemiterial ao currículo.

Nesse sentido, procuramos valorizar o espaço cemiterial como ambiente educativo, destacando alguns cemitérios icônicos do Brasil e do mundo e seus aspectos positivos. Além de sua função tradicional, os cemitérios configuram-se como **áreas verdes urbanas**, contribuindo para a qualidade do ar e a preservação ambiental. São também **patrimônios históricos e culturais**, pois guardam a memória das cidades, revelam estilos arquitetônicos, manifestações artísticas e práticas funerárias. Além disso, cumprem uma **função social e psicológica fundamental**, servindo como locais de luto, memória e conexão afetiva com entes queridos.

Buscamos, assim, potencializar ao máximo o uso do cemitério como **espaço de estudo** em projetos interdisciplinares, concebendo-o como uma **estratégia pedagógica inovadora e rica**, capaz de fomentar múltiplos aprendizados que entrelaçam áreas como História, Sociologia, Arte, Matemática e Filosofia. Para tanto, selecionamos os componentes curriculares centrais — **História, Matemática e Arte** — e estabelecemos relações de interdisciplinaridade entre eles. A partir dessa articulação, desenvolvemos projetos que exploraram objetos de estudo como **Simetria, Arte Tumular, Simbologia, Memória e Estatística**, estruturados nas combinações: Matemática e História, Matemática e Arte, e Arte e História.

Durante a construção da dissertação, elaboramos um **quadro descritivo** dos projetos propostos, contemplando elementos essenciais como tema, turma, componentes curriculares e situação-problema, a fim de proporcionar uma melhor visualização e compreensão das propostas. Em seguida, discutimos as possibilidades de o espaço cemiterial ser explorado por meio dessas áreas do conhecimento, estabelecendo um diálogo entre o ambiente não formal e o currículo escolar.

Nesse contexto, apresentamos o **cemitério como um laboratório de Matemática**, sugerindo atividades voltadas ao estudo das formas geométricas, da estatística e da etnomatemática; o **cemitério como testemunha da História**, destacando sua importância como espaço de memória e transformação dos rituais funerários; e, por fim, a **arte como última homenagem**, revelando a criatividade humana expressa nos símbolos e iconografias tumulares.

Como produto da pesquisa, apresentamos **sugestões de projetos pedagógicos interdisciplinares** destinados a docentes, articulando as áreas de História, Matemática e Arte. Esses projetos não devem ser entendidos como modelos prontos e fechados, mas como **inspirações e pontos de partida** para a construção de práticas pedagógicas inovadoras, sensíveis ao contexto escolar e à realidade dos alunos. O objetivo é oferecer caminhos que

possam ser adaptados, ampliados e ressignificados de acordo com as necessidades de cada turma, escola e comunidade, em diálogo com o espaço cemiterial.

Assim, os projetos aqui propostos visam **estimular a curiosidade, o pensamento crítico e a valorização da cultura e da memória local**, por meio de uma abordagem interdisciplinar e investigativa. Mais do que o compartilhamento de conteúdos, pretende-se promover **experiências significativas de aprendizagem** que articulem saberes escolares com vivências concretas do território, permitindo que professores e pesquisadores de diferentes áreas promovam uma reflexão conjunta sobre o ensino colaborativo e significativo na Educação Básica.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando José de; FONSECA JÚNIOR, Fernando Moraes. **Projetos e ambientes inovadores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância – SEED/Proinfo – Ministério da Educação, 2000.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **Sobre a História da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Tradução de Pedro Jordão. Lisboa: Teorema, 1989.
- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.
- ARROYO, Gonzales Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. 2. ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.
- BORGES, Maria Elizia. **Arte tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República**. 1991. Tese (Doutorado em Artes) – ECA/USP, São Paulo, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CHAVES, C. C. P.; SILVA, R. F.; RIBEIRO, A. M.; SOUZA, V. L. P. Os espaços escolares como ambientes de aprendizagem. *Revista Educação & Pesquisa*, 2016.
- CHIAVENATO, Júlio José. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Ática, 1998.
- COMUNALE, Viviane. **Patrimônio funerário: os cemitérios históricos do Vale do Paraíba (1820-1890)**. UNESP, 2020.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2018.
- DEWEY, John. **The school and society**. Chicago: University of Chicago Press, 1897.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FAZENDA, Ivani C. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDMAN, Alberto. **Interdisciplinaridade e ensino**. Rio de Janeiro: FGV, 1979.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social em especial**. São Paulo: Cortez, 2009.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 1. ed. São Paulo: Editora Exemplo, 1998.
- JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, p. 56, 2008.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. A mediação do professor no processo de ensino-aprendizagem. **Educar em Revista**, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2012.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de [varia conforme edição]. São Paulo: Boitempo, 2010
- MAURI, Renato Garibaldi. **Morte: o lado côncavo da vida**. São Paulo: Paco Editorial, 2014.
- MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2015.
- MOURA, Daniela Pereira de. **Pedagogia de projetos: contribuições para uma educação transformadora**. 2010.
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo: Érica, 2001.
- PERES, S. M. Z. Lembrar dos mortos: uma análise do espaço cemiterial à luz do conceito de memória coletiva em Maurice Halbwachs. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 15, 2021. DOI: 10.34019/1981-4070.2021.v15.34452.
- PIMENTEL, Cristiane Castro. **Etnomodelagem: uma abordagem de conceitos geométricos no cemitério de Arraias – TO**. UFT, 2019.
- PORTO, M. C. C.; SILVA, F. R.; PEREIRA, F. S. Espaços não formais de educação na prática do ensino de ciências: um estudo em escolas públicas. **Portal AMERICA**, p. 1-16, 2011.

QUEIROZ, Andrea Garcia de. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. *Revista Areté – Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, v. 4, n. 7, p. 123, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/20>. Acesso em: 21out.2025.

RIBEIRO, D. L.; TAVARES, D. K.; BRAHM, J. P. S. Entre a vida e a morte: cemitérios, em si próprios, são museus? *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 27-36, 2018.

RIBEIRO, Dimas dos Reis. **Cemitérios sem mistérios: a arte tumular do Sul de Minas – 1890 a 1925 – região dos Lagos de Furnas**. Alterosa/MG: Edição do Autor, 2006.

ROSENDO, Francislane da Costa. O design, o cemitério e a educação patrimonial: um estudo para a construção de um caderno de atividades pedagógicas. *Revista M.*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 143-156, 2024.

RIGO, Kate. **Vamos começar pelo fim?** A pedagogia cemiterial como projeto educativo no espaço escolar. [Lisboa]: Chiado Editora, 2015. Disponível em: [youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acesso em: 8 fev. 2026.

RUFINO, Vinicius Rosini. **O “Cemitério dos vivos” de Lima Barreto: o quilombo literário contra o manicômio-senzala**. UNICAMP, 2022.

SACRISTÁN, González Armando. **Currículo e desenvolvimento humano**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

STAMBERG, C. da S. A interdisciplinaridade e o ensino de ciências na prática de professores do ensino fundamental. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 11, n. 3, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa na educação**. 1. ed., 14. reimp. São Paulo: Atlas, 2006.

VALADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/MEC, 1972.

VIEIRA, Bruno da. **Design e patrimônio cemiterial: tipografias e imagens nos cemitérios dos ingleses no Nordeste**. UFCG, 2023